



VINÍCIUS GONÇALVES SANTOS

**JOGOS, LUTAS E DANÇAS NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA: PERSPECTIVAS
MULTICULTURAIS E COTIDIANO PEDAGÓGICO**

LAVRAS – MG

2019

VINÍCIUS GONÇALVES SANTOS

JOGOS, LUTAS E DANÇAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
PERSPECTIVAS MULTICULTURAIS E COTIDIANO PEDAGÓGICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte das
exigências do Curso de Graduação em Educação
Física para obtenção do título de Licenciado.

DR. JOSUÉ HUMERTO BARBOSA

Orientador

DRA. NATHÁLIA MARIA RESENDE

Coorientadora

LAVRAS – MG

2019

*Ao povo peruano, por incentivarem esta pesquisa...
...e mudarem minha história.*

AGRADECIMENTOS

Antes de começar os agradecimentos devo revelar que estas possivelmente serão as linhas as quais escreverei com maior dificuldade durante toda minha graduação. Estranhamente foram os quatro anos que por vezes acreditei que nunca passariam e que agora, com maior reflexão, aclaro que decorreram em um piscar de olhos. Confesso aqui que jamais poderia imaginar que em um período tão curto de tempo veria tudo o que vi, experimentaria tudo o que experimentei e amadureceria o quanto amadureci.

Acredito piamente que o conhecimento de vida adquirido neste prazo supera largamente o conhecimento acadêmico, e isso se deve em primeira instância as pessoas que em algum momento trilharam este caminho junto a mim. Árdua seria a missão de recordar todos os nomes que escreveram esta história, e por isso deixo minha gratidão prévia a aqueles que em algum momento deste período corrido contribuíram de determinada maneira para a formação da pessoa que aqui vos escreve.

Gratulo especificamente a todos ingressados dos períodos 2015/2 e 2016/1 dos cursos de Educação Física, por partilharem comigo suas experiências, seus costumes e seu conhecimento ao longo desta jornada, sem dúvidas vocês foram a peça inicial (e fundamental) para que este quebra-cabeças pudesse ser concluído.

Agradeço a Universidade Federal de Lavras e a Universidad Nacional del Centro del Peru, por me propiciarem o que sem dúvidas foi a experiência mais transformadora que tive até a presente data. Confesso que este se tratava de um sonho antigo que a anos almejava, ao qual atribuo um valor imensurável por todas experiências vividas durante minha estada. Aos amigos brasileiros e mexicano que tive a honra de conhecer durante esta passagem ao estrangeiro o meu agradecimento, sem dúvidas vocês tornaram esta experiência mais fácil e

prazerosa, saibam que guardo as memórias do que vivemos juntos no melhor lugar possível.

Gratulo fortemente o povo peruano pelo acolhimento, pelo respeito e pelo carinho com que sempre me trataram. Confidencio-lhes com total precisão que este trabalho não existiria se não fosse a abertura recebida durante minha estadia conjuntamente à oportunidade de presenciar as diversas demonstrações passivas que os peruanos detêm pelo seus costumes e cultura.

Saúdo ainda o time Enactus UFLA, por partilharem comigo o ideal mais singelo que pode existir e me proporcionarem o melhor de meus anos universitários. O que aprendi com vocês vai muito além do empreendedorismo social que fundamenta a rede e não duvidem que guardo cada um de vocês em meu coração.

A todos os professores que tive até então, em especial aos meus orientadores Josué e Nathália, pela paciência que tiveram comigo durante a redação deste trabalho, pelo aporte de conhecimento que me ofereceram e principalmente por me propiciarem a oportunidade de realizar uma pesquisa com a qual me identifico. Certamente esta jornada não teria o mesmo significado se assim não fosse.

Agradeço ainda a meus pais e amigos por todo suporte ao longo destes anos, claramente sua ajuda foi fundamental para que esta etapa se concluísse sem maiores problemas ou adversidades. Anseio por comemorar mais esta vitória com aqueles que sempre estiveram ao meu lado.

Por último, agradeço a Força Divina que nos rege, por me fornecer o discernimento necessário nos momentos de dúvida e por me capacitar para superar todas as barreiras encontradas, ciente de que esta se trata apenas de mais uma das várias que estão por vir rumo a um objetivo maior.

“Enquanto um grupo social não vê refletida sua cultura na escolaridade ou a vê refletida menos que a de outros, estamos, simplesmente, diante de um problema de igualdade de oportunidades”.

(José Gimeno Sacristán).

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo investigar quais são as razões das escolhas inerentes aos elementos jogos, lutas e danças por parte dos professores de Educação Física nas escolas do sul de Minas Gerais. Trata-se de uma investigação de caráter qualitativo, na qual os professores são compreendidos como detentores e produtores de conhecimento que nos ajudaram a elucidar as razões de suas próprias escolhas para aplicação em aula, e os motivos que os levaram a não escolher os mesmos elementos de outras origens para composição de sua grade curricular de ensinamentos.

Foi evidenciado, no entanto, a baixa preocupação que estes professores por hora possuem em relação ao tema, sendo aclarado que estes têm lidado com problemas diversos e muito anteriores a temática multicultural. O estudo trouxe à tona a clara necessidade de uma melhor estruturação relacionada aos conteúdos aplicados nas aulas de Educação Física para que posteriormente ocorra a devida problematização multicultural.

Palavras-chave: Educação Física. Multiculturalismo. Currículo. Jogos. Lutas. Danças.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	4
2.1. ADENTRANDO SOBRE O TEMA MULTICULTURALISMO NA ESCOLA.....	4
2.2. OS JOGOS, AS LUTAS E AS DANÇAS ENQUANTO ELEMENTOS CULTURAIS.....	10
2.3 O PAPEL DO PROFESSOR.....	13
3. OBJETIVOS.....	18
4. JUSTIFICATIVA.....	18
5. METODOLOGIA.....	20
5.1. Tipo de pesquisa.....	20
5.2. Participantes.....	21
5.3. Instrumentos e procedimentos de coleta de dados.....	22
5.4. Análise dos dados coletados.....	23
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	24
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	57
ANEXOS.....	60

1. INTRODUÇÃO

Acredito que para lhes explicar o motivo de investigar o tema proposto, terei de lhes contar um pouco da história que me fez o julgar importante, iniciando-a no final de março de 2018, quando pela primeira vez embarcava em um avião e igualmente pela primeira vez saía do Brasil. Estava partindo de Guarulhos rumo a Lima (Peru) e posteriormente à cidade de Huancayo, onde se situaria minha nova casa pelos próximos 5 meses.

Antes de redigir sobre as experiências que tive na cidade peruana, devo aventar que Huancayo é conhecida como a cidade inconquistável (*incontrastable*) devido a vitória dos indígenas nativos na tentativa de posse dos colonizadores espanhóis sobre seus territórios. Dito isso, é fatural que a maioria esmagadora da população da cidade descende de indígenas e como é de se esperar, carrega consigo costumes, danças, línguas e todos os demais componentes que estão englobados na cultura de uma etnia.

Confesso que com pouco mais de um mês vivendo ali, pude presenciar inúmeros eventos culturais próprios não somente da cidade e da região em que estava vivendo, mas também das mais distintas regiões do país. Foi então, quando tive pela primeira vez um *flash* de lucidez ao interpretar a palavra “cultura”. Uma palavra que cresci ouvindo, mas que talvez nunca tinha tido a felicidade (ou mesmo a maturidade) de compreendê-la e apreciá-la.

Assim sendo, surgiu o primeiro de meus questionamentos que me levaram a investigar este tema: Por que em um país como o Brasil, onde tanto se fala da pluralidade de culturas que o envolvem, existem tão poucas demonstrações desta pluralidade em determinadas cidades e regiões?

Pois bem, com esse questionamento em mente voltemos a minha vida em Huancayo. Passado um pouco mais de tempo pós minha chegada (quando já havia me adaptado e tinha certa facilidade no idioma), aceitei a proposta de um

de meus professores universitários para ministrar aulas de futsal em uma escola (este professor era dono da escola) no contra turno de minhas aulas na universidade. Com isso, passava algumas horas de minha semana na escola e conseqüentemente estava inerte àquilo que acontecia na mesma nestes horários. Poucas semanas após iniciar meus trabalhos na instituição, haveria uma celebração na mesma em virtude ao dia nacional da dança (que claramente é um componente cultural) e frequentemente me deparava com estudantes e professores falando sobre o tema, e algumas vezes até mesmo ensaiando com seus grupos. Foi então que mais uma vez voltei a me questionar a razão de aquilo se fazer tão presente ali e não se fazer presente nos lugares onde tinha vivido anteriormente. Desta vez, porém, me questionava também sobre as razões que acarretaram na ausência dos diversos campos culturais nativos brasileiros das escolas, me espantando ainda mais quando soube que algumas escolas da região possuíam a disciplina de ensino da língua Quéchuá (uma língua nativa com diversos dialetos, sendo amplamente falada na região de Huancayo).

Com isso em mente, já em meu retorno ao Brasil, amadurecia a ideia de investigar algo relacionado à cultura indígena mineira nas aulas de Educação Física, empregada conseqüentemente aos três elementos que ajudam a compor o título deste trabalho.

Contudo, após conversas e debates se tornou clara a necessidade de primeiramente identificar quais são as origens destes jogos, danças e lutas. Pois levando em consideração que não é possível afirmar com convicção total a ausência ou presença de uma cultura nas escolas, é de suma importância antes de aclarar acerca de uma cultura específica (como fora inicialmente a indígena neste caso), entender por que razões os supracitados elementos empregados com suas devidas origens culturais possuem maior presença nas aulas do que os mesmos elementos que, porém, são originários de outras partes.

Assim, a temática deste trabalho nasceu devido à dificuldade prática para a compreensão dos motivos que levam os professores de Educação Física a optarem por determinadas práticas dentro dos elementos propostos nesta investigação. Não obstante, é curiosa também a indagação sobre as razões que justificam as práticas não escolhidas, se fazendo necessária uma abordagem qualitativa para que as já citadas questões sejam aclaradas de modo que contribuam para o desenvolvimento destas práticas culturais na disciplina.

Com referencial embasado nas experiências vividas e aqui descritas, este trabalho visa compreender as seguintes questões: quais são os conteúdos curriculares das unidades temáticas jogos, danças e lutas, e quais são as origens culturais das atividades trabalhadas atualmente nas aulas de Educação Física nas escolas situadas no sul do estado de Minas Gerais? Quais são as razões que referendam a escolha das opções encontradas em detrimento de outras que também poderiam ser executadas? Quais são a realidade e as perspectivas destes eixos da Educação Física a partir das práticas culturais brasileiras?

Devido ao caráter qualitativo da presente pesquisa e pela consideração dos professores que são o público alvo da mesma como detentores de conhecimento, a consideração de uma hipótese se faz incoerente. Porém, é possível definir a seguinte questão norteadora para este trabalho com as seguintes perguntas: Por que em um país como o Brasil, onde tanto se fala das diversas culturas que o mesmo abrange, existem tão poucas manifestações da mesma nas escolas?

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Adentrando sobre o tema multiculturalismo na escola

Sempre que lemos ou debatemos acerca de temas que envolvem a cultura brasileira, frequentemente nos deparamos com afirmações que indicam nosso país como um dos maiores detentores de diversidade cultural no mundo, devido à grande quantidade de povos de diferentes etnias que podemos encontrar por aqui. Sendo recheado de norte a sul por pessoas com costumes, culinária, história, práticas corporais, dialetos e até mesmo línguas totalmente distintas, nos é claro que o Brasil pode (e de fato é) ser tratado como um enorme centro no globo no que se refere a pluralidade de culturas. Canen e Oliveira (2002) apontam que a necessidade de entendimento destes elementos e das diversas culturas envolvidas em uma sociedade pode ser referenciada como multiculturalismo, tema qual abordaremos mais a fundo em outras partes deste texto.

No que tange aos repasses desta diversidade às novas gerações, é notório que muitos dos componentes culturais que aprendemos e posteriormente replicamos são conhecidos de maneira natural, devido à simples ocorrência de desenvolvermos nossas relações interpessoais com o passar do tempo. Ou seja, o simples fato de crescermos e nos relacionarmos, seja com nossa família, com nossos amigos, colegas de trabalho ou qualquer que seja a pessoa que faça parte de nossos círculos sociais, conseqüentemente acarreta no acúmulo de saberes em diversas áreas de conhecimento que por vezes são incorporados por nós e passam a fazer parte de nosso acervo de costumes, nos tornando seres singulares no que toca a questão.

Contudo, por mais verídica que possa ser a relação de nosso crescimento com o incremento de diferentes elementos de diferentes culturas ao nosso

conjunto de saberes, é extremamente difícil absorvermos toda cultura que é inerente ao povo brasileiro, ou ao menos, uma porção satisfatória da grande gama que um país como o nosso tem a oferecer sobre elas.

Muitos de nós crescemos sob a custódia de nossos pais e conseqüentemente muitas vezes durante toda nossa infância, e em grande parte de nossa adolescência, temos pouco ou nenhum contato com pessoas de realidades diferentes das quais estamos imergidos, e por consequência disto acabamos despropositadamente submersos a uma bolha social onde compartilhamos os mesmos gostos e costumes, posto que muitos dos componentes que conhecemos e praticamos pertençam ao mesmo grupo cultural.

Dito isto, cabe a nós (e agora falo como futuro professor e não mais como um dos milhares de jovens que passou pela situação descrita acima) discernir sobre quais veículos podem e devem ser utilizados para que mesmo que não ocorra a eclosão da citada bolha, os sujeitos pertencentes as novas gerações tenham a possibilidade de dialogar com diferentes realidades, sejam elas sociais, econômicas, políticas ou educacionais e conseqüentemente, culturais.

É notório que inúmeros canais de informação são capazes de fazer o devido *link* de apresentação entre jovens e elementos das mais diversas culturas pelo mundo, como a internet, o rádio, a televisão, revistas e jornais dentre tantos outros. Porém, não obstante em problematizar este contato devemos também pensar em quais espaços podem torná-los acessíveis às futuras gerações, sendo inúmeros os candidatos referendados para dar este acesso dentre os quais podemos citar: teatros, bibliotecas, parques, clubes recreativos, cinemas e diversas outras praças que tornam essa aproximação possível.

Apesar da afirmação feita por Daolio (1995 apud RANGEL et al., 2008) de que o ambiente escolar teve ao longo da história problemas para lidar com a exposição e o reconhecimento das diferenças optando sempre pela padronização

e regulação das mesmas, é inegável que a escola possivelmente é o sítio com maior potencial para realizar o intermédio entre os estudantes (estejam eles na infância ou adolescência) e a diversidade cultural a qual estamos falando.

Como já é sabido, o ambiente escolar é responsável por, dentre inúmeros fatores, levar conhecimento aos sujeitos que o frequentam, tendo cada disciplina aporte para incrementar a gama de saberes dos estudantes não somente relacionando-as à assuntos inerentes a suas unidades temáticas, de modo que cabem a estas também, a incumbência de despertar e estimular a curiosidades dos discentes de maneira que os mesmos se tornem conjuntamente críticos e ávidos pelo acúmulo de saberes.

Ainda assim, apesar do inegável potencial para a já citada proporção de cultura, inúmeros autores vêm apontando a escola como um ambiente que, todavia, preza pela homogeneidade, se apegando a um falso conceito de harmonia (entenda aqui como harmonia cultural) que não possibilita a seu público expressar suas diferenças (MOREIRA; CANDAU, 2003). Contrapondo esta perspectiva Gomes (2003 apud RANGEL et al., 2008) enxerga que a escola deveria ser:

[...] um espaço de cruzamento de culturas, exigindo que nela se desenvolva um novo olhar, uma nova postura, a fim de que sejamos capazes de identificar as diferentes culturas existentes no universo escolar. Ou seja, ao invés de preservar a tradição monocultural, a escola tem de lidar com a pluralidade cultural, a fim de reconhecer os diferentes sujeitos presentes em seu contexto, abrindo espaço para a manifestação e valorização das diferenças (RANGEL et al., 2008, p. 159).

Essa ideia é reforçada por Moreira e Candau (2003) que apontam o seguinte:

Em vez de preservar uma tradição monocultural, a escola está sendo chamada a lidar com a pluralidade de culturas, reconhecer os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto, abrir espaços para a manifestação e valorização das diferenças [...] o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar (MOREIRA; CANDAU, 2003, p. 161).

O pensamento destes autores corrobora a importância que as práticas culturais plurais vêm ganhando nos últimos tempos, sendo termos como cultura do ambiente escolar, cultura da escola, diversidade cultural na escola, multiculturalismo, dentre outros próximos cada vez mais presentes nas pesquisas e investigações que se passam neste ambiente. De acordo com Canen e Oliveira (2002) existem dois pontos chave para a compreensão deste multiculturalismo escolar: a equidade educacional que prioriza os estudantes como detentores de saberes e de cultura próprias e, a quebra dos julgamentos pré-estabelecidos contra aqueles estudantes que não fazem parte dos grupos majoritários.

Contudo, nos cabe o seguinte questionamento: onde poderia ser encontrado esse multiculturalismo que vem ganhando corpo nas pesquisas em educação nos últimos tempos? Muitas vezes quando pensamos onde a palavra cultura pode ser encontrada dentro das dependências escolares, temos o súpeto de pensar num primeiro instante nas disciplinas de história, filosofia e sociologia devido as mesmas tratarem em algum momento de seus conteúdos de retratar acerca de distintas sociedades e etnias em relação as quais os estudantes não estão popularmente inseridos, e que por consequência, detêm pouco ou nenhum conhecimento sobre elas.

Apesar disto, conforme apontam Moreira e Candau (2003) a educação se encontra enraizada na cultura da humanidade e assim sendo, toda e qualquer forma de educação e de educar podem ser consideradas itens culturais, validando a afirmação de que quaisquer disciplinas presentes na escola podem trabalhar de

uma maneira multicultural e que ambos, escola e cultura, possuem elos profundos em suas origens.

No que se refere a disciplina de Educação Física (que é nosso objeto de investigação) pós o período em que os professores focavam suas aulas exclusivamente a explicações sobre o corpo, a atividade física e os esportes, hoje a mesma se vê banhada em saberes provenientes da antropologia, da história e da sociologia (DAOLIO, 2004). Isso faz com que sejam inúmeras as suas unidades temáticas que possuem referenciais que se encaixam nestas práticas (multiculturais) e assim são capazes de explicitar diversos elementos que podem ser repassados para os discentes durante sua passagem pela escola. Rangel e colaboradores (2008) apontam que:

É nas aulas de Educação Física que o universo do multiculturalismo encontra-se ainda mais à mostra, pois os corpos das crianças se encontram em exposição, refletindo, muitas vezes, a sua cultura familiar. Embora a escola tente uniformizar os alunos, transformando-os em iguais, é no espaço aberto da quadra, do gramado, da terra batida, que as mensagens culturais aparecem (RANGEL et al., 2008, p. 162).

Para melhor elucidarmos como a Educação Física detém relevância sobre o tema, cabe utilizarmos trechos que a própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC) utiliza de modo a nortear-nos sobre esta questão. Calha antes ressaltar que devido a própria BNCC trazer consigo pouco referencial acerca das etapas de ensino infantil e médio junto à Educação Física, nos focaremos maioritariamente na etapa de ensino fundamental.

Logo em seus primeiros parágrafos, o documento busca elucidar que dentro das unidades temáticas da Educação Física, cada prática corporal permite ao sujeito usufruir acesso a uma extensão de conhecimentos e de experiências que o mesmo seria impossibilitado de desfrutar em quaisquer outras fontes, em

virtude que apenas a experiência que a execução traz pode propiciar a estes um discernimento singular do que é proposto. Assim, visando maior significância e impacto para estas experiências, é necessário gerar problematizações de modo que se aclarem as múltiplas faces que os mais variados grupos sociais atribuíram e atribuem às suas diversas mostras de movimentos, que por consequência, estão inseridas à sua cultura corporal (BNCC, 2018).

Levando o estudante como agente principal nesse panorama, vale frisar novamente que uma vez que o discente passa a ser enxergado e respeitado como um sujeito detentor de inúmeras habilidades, aptidões e conhecimentos em numerosas práticas culturais, torna-se mais fácil a criação de canais de instrução do mesmo com seus colegas e professor(es), estreitando um vínculo de troca de conhecimentos mútuo e de respeito no ambiente compartilhado. Destaca-se também, que além de conceber o corpo na sua totalidade e de disseminar o respeito pelas diferenças daqueles que convivem no mesmo espaço, é preciso compreender que as formas como os diversos sujeitos lidam com o corpo é sempre discernente, e assim sendo, uma construção social resultante de significativos processos históricos. Ou seja, as concepções que os seres humanos desenvolvem a respeito de seu corpo e da forma de se comportar corporalmente estão condicionadas à fatores sociais e culturais. O nosso corpo revela nossa singularidade e caracteriza nosso grupo cultural, sendo assim, o corpo algo que possuímos “naturalmente”, sendo também uma construção sociocultural e política, produto e produtor de cultura (ALVES, 2004 apud CURRÍCULO BÁSICO COMUM DO ENSINO FUNDAMENTAL – CBC, 2014, p. 14).

Porém, nos focando agora no ato de lecionar, qual seria a maneira ideal de trabalhar estes corpos, que como já citado são produtos e produtores de cultura no vasto conjunto de conteúdos pertencentes à Educação Física? Exatamente devido a esta amplitude de conteúdos nos focaremos nos jogos, nas lutas e nas danças, os quais misturam suas origens juntamente com a da própria

humanidade e que como veremos a seguir, possuem um alto potencial para serem trabalhados de maneira multicultural nas aulas de Educação Física.

2.2 Os jogos, as lutas e as danças enquanto elementos culturais

Retornando nossos olhares aos elementos que são nosso objeto de estudo, tomaremos novamente como norteador a BNCC, a qual considera que somadas às brincadeiras, as unidades temáticas jogos, danças e lutas englobam em seus conteúdos a possibilidade de exploração das esferas sociais mais familiares (localidade e região) às menos familiares (esferas nacional e mundial) (BNCC, 2018).

Isso faz com que a gama de alternativas passíveis de aplicação seja vasta e diversificada, uma vez que, se levada em consideração a história de uma região, ou por vezes até mesmo de uma localidade, uma alta variedade de interpretações de diferentes tempos (e talvez também de diferentes povos que por ali passaram) se tornam possibilidades palpáveis de execução nas escolas, aliando a manutenção destes elementos de uma dada cultura que pode por vezes se encontrar reduzida geograficamente a localidades específicas, à aquisição de saberes dos estudantes que atualmente ali vivem.

Tratando-se das esferas nacional e mundial, o leque de possibilidades que outrora já se via vasto se torna infinitamente maior. Sendo incontáveis as possibilidades a serem exploradas pelos professores dentro das salas de aula, a esfera nacional pode se ramificar primeiramente, por exemplo, nas regiões de nosso país para posteriores avanços minuciosos por dentro de estados e cidades. Já na esfera mundial, a possibilidade se inicia com a divisão em continentes, passando por países e se ramificando até a menor delas como foi feita com a esfera localidade.

Para se ter uma ideia de como estes elementos estão envolvidos nos acervos culturais de diversos povos e etnias, buscaremos elucidar de maneira suscita como cada um destes componentes da Educação Física estão atrelados à cultura.

No que se refere ao conteúdo jogos por exemplo, Huizinga (2000) aponta que a cultura de diferentes povos e do jogo se enredam, sendo o segundo um dos componentes principais de uma civilização. Ainda segundo o mesmo autor:

O jogo inicia-se e, em determinado momento, "acabou". Joga-se até que se chegue a um certo fim. [...] E há, diretamente ligada à sua limitação no tempo, uma outra característica interessante do jogo, a de se fixar imediatamente como fenômeno cultural. Mesmo depois de o jogo ter chegado ao fim, ele permanece como uma criação nova do espírito, um tesouro a ser conservado pela memória. É transmitido, toma-se tradição. [...] Uma de suas qualidades fundamentais reside nesta capacidade de repetição (HUIZINGA, 2000, p.11).

A afirmação do autor se dá pelo fato de que em diferentes fases de nossas vidas estamos jogando, mesmo que por vezes não tenhamos a consciência de que estamos praticando o ato de jogar. Além disso, o jogo pode ser jogado em qualquer lugar e é tido como a supressão da vida cotidiana (HUIZINGA, 2000). Assim, podemos interpretar que se os estudantes estão acostumados ao cotidiano da sala de aula, ao terem aulas fora do ambiente comum em que se encontram nas outras disciplinas e ingressando nas classes de Educação Física já estão saindo de seu cotidiano, o que propicia um ambiente favorável para que estes se tornem jogadores durante as aulas.

Passando agora para a unidade temática danças, os valores culturais se encontram na maneira como os sujeitos se expressam corporalmente para os mais variados fins, sejam religiosos, amorosos, ritualísticos, etc. Andreoli (2010)

indica que as danças, assim como outras atividades realizadas por diferentes sociedades, são constituídas pelo simbolismo que estas carregam, sendo que sua aplicação é variável de acordo com a identificação destas sociedades.

A ideia é reforçada por Gariba e Franzoni (2007) que apontam:

O conhecimento de si mesmo e da dança, portanto, passa pela necessidade de conhecer sua própria história e as manifestações culturais de seu povo. Nesse sentido, a dança sempre visou acontecimentos importantes da própria vida [...] estabelecendo assim, uma diversidade interessante para essa manifestação. Dessa forma, a dança se insere no universo cultural, expressando significados, simbolizando a existência humana (GARIBA; FRANZONI, 2007, p.156).

Podemos afirmar, portanto, que o ato de dançar vai muito além dos movimentos coordenados por um ritmo. Assim como os jogos, as danças estão presentes na humanidade nas mais distintas eras, sendo que propiciar conhecimento sobre esta temática para os estudantes possui finalidades muito mais amplas do que simplesmente aprimorar a estética do movimento. A dança enquanto conteúdo curricular da Educação Física oportuniza aos estudantes conhecerem seus antepassados, os movimentos que estes utilizavam para traduzir seus sentimentos e transpassar os significados que estes movimentos carregaram consigo ao longo do tempo.

Por último, abordaremos sobre o multiculturalismo das lutas nas aulas de Educação Física. Sendo provavelmente dos três tópicos abordados o que sofre o maior tabu, as lutas assim como os conteúdos abordados anteriormente têm sua origem fundida à existência da raça humana. É bem verdade que os primeiros relatos históricos apontam as lutas como técnica de defesa dos homens, contudo, com o avanço do tempo os homens trouxeram novos conceitos as lutas, passando estas a terem também cunho religioso, ritualístico, esportivo dentre outros, como bem sabemos. De acordo com Lopes e Kerr (2015):

[...] Uma das formas de tomar contato e (res)significá-la na escola pode partir da análise dos aspectos históricos, culturais, sociais, etc. que moldaram sua criação e, posteriormente, compreender os diferentes significados e sentidos para seus praticantes [...] (Lopes; Kerr, 2015, p.266).

É justamente a ressignificação apontada por estes autores que tem a capacidade de quebrar o tabu imposto ao longo do tempo e legitimar as lutas no ambiente da escola. Ao contrário da crença popular que se tinha antes da revolução pela qual a disciplina passou nos anos 80, as lutas na Educação Física não devem ser vistas como pano de fundo para a promoção de estudantes-soldados e muito menos como preparatória para um eventual conflito, o intuito deve ser enxergado como um proponente de cultura que ampliará a oferta de atividades corporais (FERREIRA, 2006).

Dessa forma, após elucidarmos os três componentes, podemos compreender que independente do conteúdo (jogo, luta ou dança), quando levamos em consideração o fato dos movimentos humanos serem repassados durante gerações, podemos e devemos considerar que toda prática corporal carrega consigo uma gama de valores únicos, onde sua execução acarreta em uma constituição de saberes e experiências insubstituíveis junto ao executante sendo necessária a problematização que visa conferir a pluralidade de concepções que os coletivos atribuem a estas manifestações para que estas possam ser conhecidas, apreciadas e até mesmo incorporadas pelos novos coletivos vigentes.

2.3 O papel do professor

Agora que já esclarecemos de maneira concisa sobre o multiculturalismo e sobre alguns conteúdos que podem ser trabalhados com esta

temática, nossa discussão se voltará para aquele que, se não for o agente principal das aulas (para não entrarmos em contradição com o que foi dito em linhas anteriores), se torna um personagem tão importante quanto para que o multiculturalismo na Educação Física seja efetivo.

Apesar do estudante ser peça fundamental para facilitar esta abordagem, dificilmente o intermediário que dará o estímulo inicial para que as aulas sejam multiculturais serão eles. É papel imprescindível do professor se incomodar, instruir-se e se adequar à realidade dos seus estudantes e do local em que leciona para que o gatilho para a educação multicultural seja puxado.

Infelizmente, o panorama atual é contrário àquilo que almejamos. Canen (1997^a apud CANEN, 2001) aponta duas perspectivas que vêm sendo seguidas e atrasam o progresso da educação multicultural. A primeira delas é a assimilação, que pode ser referida como a falta de discernimento por parte do professor de modo que este opte sempre pelo repasse dos conteúdos inerentes aos grupos dominantes, ignorando a pluralidade que se encontra a sua frente. E a segunda, chamada de reprodução, se casa com a primeira, uma vez que após assimilar, o professor reproduz sempre o que compreendia de modo objetivo, não deixando brechas para a autonomia das minorias em classe.

Em resumo, a educação pode ganhar sentido adverso ao seu propósito, conforme apontado por Gomes e colaboradores (2008);

A Educação e seus processos podem transformar Comunidades e sociedades, mas, também, podem conduzir as pessoas, por meio dos educadores, para um labirinto muitas vezes sem saída, enfatizando, mesmo que sem propósito, a dominação, a exclusão, e a continuidade de atitudes que poderiam ser consideradas como anti-Educação (GOMES et al., 2008, p.160).

Como dito acima, mais do que não proporcionar o multiculturalismo, o educador, caso adote uma postura centralizadora, no mínimo ajuda na

manutenção do quadro vigente, sendo que em alguns casos pode até mesmo agravar a situação que por hora já se encontrava crítica. Por outro lado, como já dissemos, o multiculturalismo vem ganhando cada vez mais notoriedade junto a educação, de modo que medidas vêm sendo tomadas e recomendadas para que este seja efetivo.

Ainda segundo Canen (2001), existem duas outras perspectivas que visam confrontar a realidade atualmente vista em busca da propagação do multiculturalismo nas escolas. A aceitação cultural busca alicerçar às práticas em sala à diversidade encontrada na mesma, de modo que este princípio seja o norte do professor nos temas que abordará em aula. Já a conscientização se atrela a aceitação, uma vez que sua razão é explicar os desequilíbrios de poder existentes, procurando meios que afrontem os preconceitos (racismo e xenofobia, por exemplo) e certifiquem os direitos das minorias presentes nas classes.

Isto enfatiza que mais do que simplesmente apresentar os conteúdos, o papel do professor se alarga a contextualiza-los, fazendo com que seus estudantes se tornem críticos acerca das desigualdades latentes. De acordo com Canen e Oliveira (2002), a apresentação somada a falta de indagação sobre as razões que nos levaram ao panorama em que nos encontramos pouco acrescenta aos saberes dos estudantes.

Apesar do simples fato de apresentar os costumes e a cultura de outras etnias inegavelmente acrescentar conhecimento e expor o incomum, ao adotar esta postura o professor expõe um multiculturalismo parco, onde não se compreende o processo histórico que acarretou a reduzida exposição daquilo que é apresentado. Esta vertente do multiculturalismo pode ser taxada de multiculturalismo liberal e/ou de relações humanas.

Para que a mudança seja efetiva, o professor deve deixar de lado o papel de conhecedor cultural para se tornar um colaborador cultural, extinguindo o

falso ideal de detentor do conhecimento e de verdades absolutas, trabalhando em cima das ricas diferenças que seus estudantes lhe oferecem e trazendo sempre as devidas problematizações para que não se aplique o multiculturalismo liberal que acabamos de indicar. Levando em consideração nossa realidade, Canen e Oliveira (2002) apontam:

No caso da educação e da formação de professores em sociedades multiculturais e desiguais como o Brasil, adotar o multiculturalismo crítico como horizonte norteador significa incorporar, nos discursos curriculares e nas práticas discursivas, desafios a noções que tendem à essencialização das identidades, entendendo-as, ao contrário, como construções, sempre provisórias, contingentes e inacabadas (CANEN; OLIVEIRA, 2002, p. 61).

Este multiculturalismo crítico citado pelos autores se opõe as vertentes do multiculturalismo liberal que já citamos, sendo caracterizado por além da exposição das diferentes culturas, indagar os processos históricos por quais as mesmas passaram. Ainda segundo Canen e Oliveira (2002) existem dimensões da prática pedagógica que auxiliam no implemento do multiculturalismo crítico nas salas de aula: a construção, a voz e a escolha, a crítica e o ativismo social.

Essas duas primeiras práticas remetem a criação dos conteúdos que serão ministrados com participação efetiva dos estudantes junto ao professor. Ou seja, o conteúdo apresentado para eles é por eles condensado, e assim sendo se adentra na terceira prática (crítica), que leva ao professor o papel de mediador das discussões que devem ser problematizadas ao longo de sua construção. Por fim, o ativismo social faz alusão a tomada de iniciativa que é esperada pelos estudantes após o seguimento das demais práticas. Se trata do posicionamento crítico destes perante as desigualdades discutidas, seja no ambiente da escola ou fora dele.

Frisamos também, brevemente, que apesar de ser papel do professor sempre buscar a formação continuada de modo a estar sempre atualizado em suas práticas, a formação dos mesmos também é responsável por grande parcela do panorama que encontramos na escola. Muitas vezes a inflexibilidade da malha curricular durante a graduação leva a formação de professores inflexíveis na atuação.

A respeito disto, Moreira (2002) cita que a formação deve buscar compreender o futuro docente, que assim como no ensino básico deve ser taxado como detentor de conhecimento para que a construção de significados durante seu período universitário detenha maior relevância. Isto acarretará um profissional que ao ser respeitado enquanto discente, respeitará quando docente, alcançando um dos principais expoentes para o emprego efetivo da educação multicultural nas escolas.

Posto isto, nos é elucidado que são variáveis os fatores que possibilitam e que também dificultam a educação multicultural nas salas de aula. Perpassando pela formação acadêmica até a formação continuada presente já na atuação profissional, inúmeras são as experiências as quais os discentes experimentam para alcançar o discernimento que influenciará em seu ato de lecionar.

Com isso constatamos a complexidade do caminho que deve ser trilhado para possibilitar uma educação multicultural, educação esta que visa cada vez mais abraçar as diferenças encontradas nas salas de aula, de modo que se preze sempre pelo espírito de equidade entre os estudantes que serão beneficiados intelectualmente pelas diferenças que possuem entre si.

3. OBJETIVOS

Esta investigação teve como objetivo geral identificar quais são as origens culturais das unidades temáticas jogos, danças e lutas aplicadas pelos professores nas aulas de Educação Física nas escolas no sul de Minas Gerais. Somado a isso, pretendeu-se compreender quais são as razões para a escolha de um elemento que remete a uma determinada cultura, em oposição ao mesmo elemento que poderia ser aplicado em seu lugar, porém, com origem diferente.

Para isso foram seguidos cinco passos específicos visando a aproximação junto ao objetivo mor. O primeiro deles foi identificar as referidas práticas corporais nas aulas de Educação Física. O segundo foi o levantamento destas práticas identificadas, ressaltando dentre elas as mais realizadas no que toca aos jogos, lutas e danças. A terceira e quarta etapas foram a sistematização e análise, respectivamente, pois foi elaborada uma matriz para relacionar os dados coletados em campo e analisar as razões que acarretaram nas escolhas dos professores. Por fim, se passa a conclusão, onde foram elucidadas estas escolhas fazendo os devidos pontos e contrapontos.

4. JUSTIFICATIVA

Desde pequenos, sempre que ouvimos falar da identificação cultural do povo brasileiro somos lembrados que nosso país não pode ser distinguido por uma única cultura, mas sim por uma vasta gama da mesma, devido a diversidade étnica e a miscigenação que encontramos por aqui.

Fato é que o ambiente escolar é sem dúvida um dos maiores responsáveis pela apresentação destes variados componentes culturais aos quais crescemos ouvindo, tendo cada disciplina lecionada um papel importante na

formação da identidade e na ampliação do conhecimento cultural de cada estudante.

Não diferente das demais, a Educação Física possui um papel imprescindível para a citada ampliação de conhecimentos, sendo maioritariamente responsável pela diversidade tangente às diversas práticas corporais encontradas em nosso país. Segundo a BNCC (2018), o movimento humano está sempre inserido no âmbito cultural, sendo a Educação Física, portanto, o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história.

Porém, apesar de logo em suas linhas iniciais a própria BNCC frisar que a Educação Física possui responsabilidades no que tange a apresentação das diversas manifestações corporais das inúmeras culturas que cá existem, ultimamente tem sido difícil identificar esta pluralidade nas aulas de Educação Física nas escolas. Isso pode acarretar em um problema não apenas a professores, que encontram dificuldades em associar as diversas unidades temáticas aliando-as à devida pluralidade de culturas que deve ser abrangida, mas também aos estudantes, que uma vez privados do contato com estas são destituídos da possibilidade de ampliarem sua gama de conhecimentos acerca dos referidos temas.

Atualmente, apesar de alguns estudos abordarem a cultura nas aulas de Educação Física, poucos deles tiveram a intenção de identificar e compreender o motivo destas escolhas por parte do corpo docente. Tendo isso em mente, se faz plausível a intenção de identificar e justificar as escolhas maioritárias a favor destas culturas nas aulas de Educação Física, pois após aclaradas as razões para a predileção destas será possível sugerir as devidas mudanças de maneira pontual, contribuindo para um currículo mais equilibrado e abrangente, onde

estas manifestações representarão as devidas culturas de maneira mais igualitária e ampla para o público escolar.

5. METODOLOGIA

A presente pesquisa, como já foi referido anteriormente, buscou compreender as razões que levaram os professores e corpo docente à suas opções. Para isso, inicialmente foi necessário explorar o ambiente escolar em busca de compreender como são exercidos os elementos jogos, danças e lutas.

Posteriormente foi feita uma sistematização destas expressões corporais, considerando as mais significativas para a disseminação cultural, para que então ocorresse a tabulação destas em uma matriz, onde as mesmas foram analisadas e comparadas com as propostas vigentes referentes ao multiculturalismo presente na BNCC. Em seguida, investigou quais são as razões das práticas encontradas na pesquisa se fizeram presentes ou não, realizando as pontuações necessárias para compreender estas escolhas por parte dos professores e do corpo docente das escolas.

5.1. Tipo de Pesquisa

A abordagem metodológica utilizada foi de uma pesquisa qualitativa em educação, que possui as seguintes características:

- Considerou o ambiente escolar como fonte principal para a compreensão de determinado problema de pesquisa;
- Os dados na investigação seguindo o norte da pesquisa qualitativa em educação foram fundamentalmente descritivos;

- Compreensão dos integrantes da comunidade escolar como sujeitos do conhecimento, portanto, as fontes de informação foram as compreensões que os sujeitos possuem de suas práticas;
- O pesquisador também foi considerado sujeito significativo, atribuindo valor as ações dos sujeitos da comunidade escolar;
- O pesquisador foi o principal sujeito na coleta de dados, portanto diretamente envolvido na comunidade escolar.

De acordo com Neves (1999) enquanto as pesquisas quantitativas se caracterizam pela mensuração de resultados e normalmente parte de hipóteses pré-concebidas, a pesquisa qualitativa se caracteriza apenas pelo direcionamento, visando a obtenção de dados descritivos para a explicação de um determinado fenômeno a partir da interpretação do pesquisador.

Posto isto, para a realização da pesquisa foi feita a identificação dos elementos culturais utilizados nas escolas nas aulas de Educação Física. Assim, pois, antes de estabelecer a metodologia para o estudo de jogos, danças e lutas na escola foi primeiramente realizada uma pesquisa exploratória através do método de observação participante (LUDKE; ANDRÉ, 1986) em 4 escolas situadas no sul de Minas Gerais. Posteriormente, a partir das observações colhidas foram estabelecidas as próximas etapas metodológicas e os respectivos métodos de coleta, sistematização e análise de dados.

5.2. Participantes

O público participante da pesquisa foi composto por professores de Educação Física com pelo menos 5 anos de atuação profissional e que ministraram suas aulas em escolas do sul de Minas Gerais, não se excluindo apenas as escolas públicas ou particulares. Foram excluídos dos participantes todos os professores que não ministram aulas na etapa fundamental de ensino.

5.3. Instrumentos e Procedimentos de Coleta de Dados

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, o principal instrumento para a coleta de dados se deu por meio de uma entrevista semiestruturada e do método de história oral de vida (ALENCAR, 1986) sendo estes vitais para compreender as escolhas que os professores fizeram em relação aos componentes e por que os aplicam nas aulas de Educação Física.

A escolha por este método se deu pela possibilidade de resgatar informações determinantes para justificar estas escolhas que não seriam possíveis de serem encontradas em quaisquer outros registros manuscritos ou audiovisuais (ALENCAR, 1998). Portanto, é lúcido que ao escolhermos método e instrumento já citados, valorizamos o sentido que os participantes atribuem as suas vivências, vivências estas que posteriormente “passam também a ser partilhadas culturalmente e, assim, organizam o grupo social em torno dessas representações e simbolismos” (SILVA; CARNEIRO, 2018). Com isso nos é permitido aclarar a influência que um dado grupo absorve sobre determinados elementos transpassados por seu “influenciador”, neste caso estudantes e professor, respectivamente.

Ressaltamos ainda que as entrevistas foram realizadas em salas isoladas e livre de ruídos, com a presença apenas de entrevistado e entrevistador, sendo os áudios das mesmas gravados por um aparelho *smartphone* Xiaomi Redmi Note 5 e posteriormente transcrito. O tempo total das entrevistas foi de 157 minutos e 3 segundos, tendo a média de cada entrevista o tempo de 39 minutos e 25 segundos.

5.4. Análise dos Dados Coletados

O primeiro passo para a análise dos dados coletados se deu por meio da transcrição dos áudios gravados. Inicialmente os áudios foram transcritos exatamente do modo que foram gravados, para que posteriormente fosse realizada uma adaptação formal às falas, seguindo o método apontado por Silva e Carneiro (2018), devido a necessidade de encaixar as falas informais dos entrevistados à uma linguagem melhor apropriada academicamente. Posteriormente a isso os dados foram sistematizados em uma matriz, onde após a análise crítica do pesquisador foram transcritos para os resultados desta pesquisa.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de expormos os resultados coletados em campo e prosseguirmos para a devida discussão, devemos primeiramente aventar para algumas observações. O roteiro de tópicos foi previamente dividido em quatro partes: Origem/infância e adolescência, formação, experiências profissionais e considerações finais.

Deste modo, os quadros expostos a seguir seguiram a mesma padronização do roteiro para uma melhor situação entre as falas dos entrevistados, bem como para a organização dos resultados. Cabe aventar que os quadros não seguirão o roteiro à risca, ficando a critério do investigador a escolha dos tópicos que dão corpo aos quadros de acordo com as respostas fornecidas pelos professores e julgadas mais relevantes pelo mesmo. Vale ressaltar ainda que falas não apresentadas nos quadros também irão compor o corpo da discussão, estando estas expostas nas entrevistas na íntegra fornecidas nos anexos deste estudo.

Por fim, aventamos mais uma vez que foram realizadas modificações pontuais nas falas dos entrevistados, de modo que as falas transcritas mantenham uma coesão textual, sem perder, no entanto, sentido ou nexos com o que originalmente foi dito.

Dito isso, seguiremos com a mostra de resultados, divididas nos Quadros a seguir, sendo 1) Origem/infância e adolescência, 2) Formação, 3) experiências profissionais e 4) considerações finais.

Quadro 1. Origem/infância e adolescência dos professores entrevistados

Tópicos sobre infância/adolescência	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4
Ano de nascimento	1974	1958	1976	1983
Cidades e lugares em que passou a infância.	“Lavras – MG. Na zona norte da cidade, na Vila São Francisco, Jardim Glória [...] só que eu saí de lá com 8 meses e vim para cá, na zona sul. [...] dá pra dizer que minha infância foi aqui no centro, no Jardim Floresta.	São Paulo – SP, zona urbana [...], era uma zona mais central da cidade.	Boa Esperança – MG. Eu nasci e cresci em Boa Esperança[...] na cidade, um bairro mais central.	Lavras – MG, no centro.
Onde brincava com os colegas de infância.	Tinha um local, aqui na escola (onde leciona hoje) era um local. [...] aqui pertenceu aos bisavôs de um amigo meu de infância, isso que era uma chácara, [...] isso aqui era uma chácara e não tinha nada disso aqui, isso aqui era tudo mato, tudo campo e a gente vinha para cá, a gente brincava aqui. Para baixo aqui tem uma estação férrea, e tinha um campo também nessa estação, um campinho de futebol, também era um ponto onde a gente brincava.	Muito na rua, brincava muito com os vizinhos [...] na minha época tinha bastante crianças, a gente brincava normalmente na rua e na escola também a gente brincava bastante.	Lá na rua, no bairro então a gente juntava e fazia as brincadeiras ali mesmo, o quintal da minha casa era muito grande, então lá era um tipo um “QG”, juntava todo mundo para tramar as coisas era lá [...] era imenso o quintal da minha casa então todo mundo queria brincar lá, porque era muito grande e não tinha perigo da rua, do carro ficar passando...	Eram vizinhos, irmã, primos [...], na rua.

<p>Experiências voltadas aos jogos, lutas e danças fora da escola.</p>	<p>Danças eram as típicas, nessa época de festa junina, festa julina, tinha as quadrilhas [...] Jogos também, os jogos que a gente tinha eram os jogos daquela época, jogar peão, jogar dama, jogar bolinha de gude... A gente brincava com tudo o que a gente tinha na época. [...] quando tinha tido luta era briga mesmo, quando um não dava certo com o outro aí ia lá para a briga, aí era briga mesmo, ia para o “fight”, para o boxe (risos).</p>	<p>[...] a gente brincava muito, eu lembro, era de queimada, muito pique-esconde, sabe, muito pique- pega mesmo [...] e tinha as brincadeiras das meninas tradicionais, que separava muito na época, que era brincar de casinha, brincava muito de casinha[...]. Corda, a gente pulava muita corda, amarrava a corda no poste da rua e a gente ficava pulando[...]. Não, tinha essas brincadeiras de roda, mas nunca foi meu forte, meu negócio era mais esporte mesmo, tomei gosto na escola por esporte[...]. Não, nessa época não (Sobre lutas).</p>	<p>Brinquei, soltei pipa, joguei bolinha de gude, passar anel, jogar pedrinha, essas brincadeiras tudo de criança, polícia e ladrão então[...] A gente jogava muito, jogava muitos jogos tipo queimada, pique-bandeira, polícia e ladrão, garrafão, mamãe na rua, baleia do meio[...] a gente brincava muito. [...] A gente fazia os negocinhos de dança, a gente quando era criança e estava ficando maiorzinho fazia também as dancinhas, as festinhas, fazia os negócios e dançava, ensaiava junto para fazer apresentações, a gente fazia isso também[...] agora luta a gente começou lá uma vez[...] ela dava em uma garagem pequena, mas depois ela foi embora e acabou nossa aula de karatê.</p>	<p>Era pique-esconde, rouba bandeira, queimada, andava de bicicleta, brincadeiras de rua mesmo, bete, essas coisas.</p>
--	--	---	---	---

Jogos, lutas e danças em datas comemorativas.	Sim, fora isso não tinha... era igualzinho é hoje em dia sabe...	(O entrevistado não expôs sobre).	[...]Ensaiaava junto para fazer apresentações, a gente fazia isso também[...]dança a gente fazia as dancinhas só em festa junina mesmo, apresentação no dia das mães, comemoração do dia da escola, dia da cidade[...]era isso mesmo, era próximo das datas.	(O entrevistado não expôs sobre).
Situações traumáticas que influenciaram na atuação profissional.	Não, isso não influenciou em nada.	Que eu tenha vivenciado não.	Não, ninguém nem chorava.	Não.

Quadro 2. Formação dos professores entrevistados

Tópicos sobre formação/graduação	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4
Universidade que cursou/Ano que se formou/Tempo que leciona.	Fagammon, julho de 1997. Comecei a dar aulas já na universidade, em 97. Mais de 15 anos.	Universidade Mogiana, em 1989. Leciono há 9 anos.	Iniciei em Varginha no Unis e conclui em BH, na UniBH. (Ano e tempo que leciona não informados).	Fagammon, em 2005. Comecei a dar aulas em 2008.
Atividades extracurriculares.	Não, não, só na época do estágio mesmo, porque na época minha assim, eu fazia particular, onde eu comecei já ganhar uns troquinhos, dar minhas aulas na	Não, coisa que eu fiz foram os cursos técnicos, formação em arbitragem, eu tenho mais curso em arbitragem, curso de ginástica também, curso de handebol, tenho	Muito pouco... eu trabalhei com uma disciplina de teatro, tipo artes cênicas... aí a galera ia atuando e eu ia filmando, por que eu tinha uma camerazinha na	Sim, fiz, eu lembro que como eu tinha muita experiência no vôlei, eu tentei buscar coisas que fossem de outras áreas, para aprender outras

	natação, no terceiro período para frente. Mas na minha época, os dois estágios obrigatórios eram a partir do sexto período [...].	bastante curso [...].	época [...]. Eu fiz também uma coisa de badminton lá, uma extensão que era sobre esportes diferenciados e a gente trabalhou lá também, dia de sábado umas atividades com físico, com portadores de necessidade, que era cego, tinha basquete na cadeira de rodas[...].	coisas [...], mas para te falar a verdade eu não lembro não (risos).
Professores da época.	[...] acho que todo curso você vê que tem matérias que o professor é acima da média, tem uns que são um pouco abaixo, isso é normal, todo lugar tem isso [...]. A maioria deles foram formados em Muzambinho, estava em um nível legal.	Passaram assim... bastante conhecimento, só que é assim, quando você chega em uma escola é completamente diferente daquilo que você aprende na teoria, é muito complicado[...].	Nossa, de todos que eu tive desde de Varginha... uns 2 ou 3 que eu não achava que eram bons, o resto, todos muito bons. Sinceramente, o meu de vôlei foi péssimo, acho que eu saí sabendo menos vôlei do que eu sabia [...].	Assim, uns sim, outros não... dá para você pegar muita coisa das matérias, mas eles também não têm tempo de te dar uma base total, você tem que improvisar [...], mas eu gostei muito dos meus professores, a gente sabe que em toda faculdade, um ou outro vai deixar a desejar aquilo que você quer aprender..., mas na minha época os meus professores eram muito bons, eu gostei.

<p>Diversidade cultural aplicada.</p>	<p>Cara, não. Era mais padrão, tanto que não tinha como é hoje em dia essas diferenças (se refere que a turma era mais homogênea). [...] Às vezes o que acontecia, em determinada matéria, era o professor levar para ela essas questões, mas assim, no geral não era priorizado não.</p>	<p>Teve aula de capoeira, tinha uma professora que deu aula da dança do ventre para nós [...], algumas brincadeiras indígenas</p>	<p>Eu tive capoeira, tive taekwondo, judô[...] (a entrevistada não se referiu especificamente.</p>	<p>Sim, principalmente nas áreas fisiológicas, eles eram feras mesmo (??).</p>
<p>A grade curricular/Aporte para se tornar professor.</p>	<p>Não, assim acho que todo curso você vê que tem matérias que o professor é acima da média, tem uns que são um pouco abaixo, isso é normal, todo lugar tem isso.</p>	<p>[...] quando você chega em uma escola é completamente diferente daquilo que você aprende na teoria, é muito complicado[...], acham que Educação Física é uma bagunça, então é completamente diferente... você falar que você consegue implementar aquele monte de teoria que você tem é muito complicado[...].</p>	<p>Nunca dá, nenhuma dá um aporte total para você sair e trabalhar, universidade nenhuma dá. A experiência profissional, do dia a dia, nenhuma universidade dá. Eu agradeço muito a minha professora [...] ela foi minha professora de estágio [...] que me ensinou muito a dar aula de Educação Física. Não foi a faculdade que me ensinou essa parte, a faculdade me ensinou tipo assim, de lei, de regras, a parte de perícia, noção de prudência, de imprudência que você tem que saber.</p>	<p>[...] e um negócio é que você aprende é na prática mesmo, não adianta, cada escola é de um jeito, cada turma é de um jeito, os estudantes são diferentes de uma escola pra outra, e na prática você vai adaptando...,</p>

			A prática eu aprendi no meu estágio porque eu cheguei lá na escola, e ela me colocou para apitar e fazer um campeonato com os meninos.	
Disciplinas envolvendo jogos, lutas e danças.	Não, na minha época de luta era só, só o judô, tinha ginástica, ginástica rítmica, só isso cara, nessa parte. [...] Não, não tinha (sobre os jogos e danças).	Para falar a verdade eu não tive professor de luta não, eu tive ginástica rítmica e geral [...]. Sim, tive recreação [...]. Teve aula de capoeira, tinha uma professora que deu aula da dança do ventre para Nós [...].	Eu tive capoeira, tive taekwondo, judô... de lutas acho que foi isso, e tinha se você quisesse fazer por fora tinha outra luta, eu não lembro qual era, não lembro se era jiu-jitsu mas tinha... Dança eu tive a disciplina danças, eu tive que fazer uma apresentação de artes cênicas que também envolvia muita dança, e tinha uma outra também que era na parte de ginástica, para você ministrar ginástica coletiva, então ali englobava dança também para você dar a sua aula, e outra coisa que envolvia música era a hidrogenástica, a disciplina de hidrogenástica que eu tive, sem contar os esportes aquáticos [...].	A gente tinha uma disciplina que trabalhava folclore, e aí a gente tinha que fazer umas apresentações, mas a gente teve que fazer uma feira, além das danças[...]. A gente tinha judô, tinha uma que entrava o jiu-jitsu..., mas o judô era específico, acho que era 1 e 2... e a parte de dança, tinha a parte folclórica, ginástica olímpica, tinha a parte da academia que era tipo, jump, steep[...]. Então (a respeito dos jogos)... recreação e lazer, Educação Física 1 e 2, só que eu lembro que essa era um respaldo muito teórico, que

				falava das habilidades que tinham que ser desenvolvidas, eu não lembro de ter muita prática na aula de Educação Física não[...].
--	--	--	--	--

Quadro 3. Experiências profissionais dos professores entrevistados

Tópicos sobre experiências profissionais.	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4
Como trabalha as lutas.	Não, muito pouco [...] no ano passado eu estava com o xxxxxx, ele veio para cá fazer estágio e ficou o ano inteiro aqui comigo, as vezes ele trazia as coisas de dança, movimentos do boxe, ele passou o ano inteiro comigo fazendo essa parte de estágio.	Já trabalhei sim, são jogos de oposição que eu trabalho. Não (quando questionada se sabia a origem) ... porque a escola dá uma introdução para eles [...], para depois quando eles tiverem no grau maior, no quinto, sexto, eles entram lá e saber o que é uma luta de verdade, então você começa com joguinhos de oposição, aí eles vão subindo [...], de vez em quando eu trago alguém, no quarto, quinto ano para fazer apresentações, para	Basicamente não trabalho. São disciplinas que assim, poucas vezes eu dou uma aula teórica, conto um pouco da história, dos esportes... e o interesse é bem menor, não é uma coisa tradicional para os meninos, eles são loucos por futsal... os meus estudantes de zona rural, da outra escola, eles fazem capoeira, eles têm professor (externo que ministra aulas de capoeira) ... Eu acho que para você dar aula de luta, você tem que ter um	Lutas a gente costumava fazer assim, a gente chama um convidado, um especialista, teve um ano que a gente fez isso no ensino médio, a gente trazia cada mês um especialista em uma modalidade, aí os meninos puderam ver essas modalidades [...]. A gente trouxe umas seis modalidades, mais ou menos... aí eles falavam um pouquinho e depois davam uma aula.

		<p>eles verem como é a luta de verdade. Trago, trago muito o xxxxxxx, do taekwondo, já pedi para ele vir um monte de vezes fazer apresentação [...].</p> <p>Eu não tenho esse conhecimento técnico de luta para dar para eles, e a escola não é lugar para eles terem esse conhecimento técnico, penso eu, se alguém se interessar a gente encaminha, vai praticar, mas é para eles terem conhecimento prévio, desenvolver...</p>	<p>conhecimento mais vasto, acho que a faculdade, mesmo tendo disciplina, não é uma boa formação, o suficiente ali para te capacitar [...], eu não tenho técnica e prefiro não fazer, do que fazer e levar um estudante meu a lesão [...], e a gente não tem um tatame, não é primordial isso, mas seria bacana se tivesse tudo[...].</p>	
<p>Como trabalha as danças.</p>	<p>Não, só quando vem (um especialista). Não é a área que eu especializei, me identifiquei... semana passada a gente teve ioga com uma mãe de um dos estudantes, trouxe para relaxar no início da aula, e na parte principal ela passou um jazz para os meninos.</p>	<p>Sim, inclusive a xxxxxx me ajudou muito, nesse aspecto, eu trabalho muito brincadeira cantada com as crianças. Tem muita cantiga, de todas essas cantigas mesmo tem um monte, pirulito que batebate, tem umas mais novas, olha o camaleão... que você além de trabalhar com os</p>	<p>Dança a gente trabalha bem pouco... a gente tem muita dificuldade com dança, até para ligar o som, a gente não tem uma tomada na quadra, falta estrutura..., mas eu estou com estagiárias e elas estão dando aulas de dança para as meninas, uma vez na semana elas vem e dão aula de</p>	<p>Então, no ensino fundamental a gente trabalha aquela questão das datas Comemorativas[...] na festa junina a gente ensaia muita apresentação para os pais [...] essa parte de dança fica para essas datas comemorativas, não tem um dia específico que a gente fala que é dança... as meninas</p>

		<p>movimentos de dança, você trabalha com os movimentos da criança mesmo [...], vai subindo até chegar nas danças, algumas danças regionais[...] eu não consigo entrar em todas, o tempo é muito curto [...]. Tem um professor aqui que é amigo meu, a gente procura primeiro começar pelas coisas regionais, ele é professor de dança, então a gente vê o que é região sudeste para gente passar para as crianças, mas a rejeição é bem grande viu? Vou te falar[...]. Mas o costume é na época de festa junina, toda escola é assim, só trabalha dança na época de festa junina.</p>	<p>dança para as meninas aqui. Já na zona rural, na outra escola, eu consigo trabalhar, eu já levo o som para quadra, já faço uma aula mais ritmadinha com as crianças... agora aqui é mais complicado por falta de estrutura... aqui melhorou muito desse ano para cá, mas por exemplo, aqui não tem tomada nas salas de aula, então como que você vai dar uma aula de dança sem música?</p>	<p>até funcionaria, mas os meninos iam matar.</p>
<p>Como trabalha os jogos.</p>	<p>Isso eu coloco lá no cronograma, eu coloco os objetivos de cada modalidade, o que eu vou trabalhar e uma coisa que eu não deixo de trabalhar com eles é</p>	<p>(A entrevistada não informa sobre os jogos, porém a mesma se refere que os jogos de sua infância influência naquilo que aplica atualmente.)</p>	<p>Os jogos a gente aplica... os jogos, brincadeiras, facetas, queimada, faz um rouba bandeira, pique-pega isso a gente faz, na zona rural</p>	<p>Sim, no fundamental, fundamental 2 e no médio eu tiro um dia para recreação, faço uma brincadeira [...] (Geralmente) a</p>

	as brincadeiras infantis[...], brincar de pique-esconde, brincar de queimada, passo para eles direto.		eu faço muito mais do que aqui [...].	gente faz assim, a gente combina, deixa o xadrez, tênis de mesa, alguma coisa, e aí quem está de fora tem que estar participando de alguma coisa para na hora que a gente chamar (para os esportes).
Diversidade cultural aplicada e abrangência.	São os mais tradicionais mesmo, eu faço o cronograma e separo ali, futebol, handebol, vôlei, basquete, são mais ou menos esses que eu trabalho..	[...] A BNCC agora ela cobra, você dar brincadeira indígenas e de origem africana, e eu já tenho trabalhado com isso[...]. Aquela básica, de carregar toras (indígena) (risos), aí tem, sabe aquela amarelinha africana? Já trabalhei com ela também, aos poucos a gente vai introduzindo, mas não dá tempo de você fazer. [...] Problema é que aqui vai até o quinto e acaba não saindo muito das regiões, porque eles são pequenos e você vai falar de um tango... eles não têm noção do que	Sim, eu trabalho com eles ping-pong, badminton que a gente tem as raquetes... peteca sempre tem na minha bolsa [...], trabalho sim com essas coisas diferenciadas, a gente faz também jogos de tabuleiro, como xadrez, dama... [...], eu sempre dou origem...[...], um jogo que eu trabalho muito com meus meninos, não sei se você conhece chama bete, de taco...	[...]todo ano a gente faz uma feira cultural aqui, aí a feira cultural entra nessa parte... igual esse ano falou dos países, aí teve África, falou da comida típica, das danças, dos costumes, então tem as feiras culturais que trabalham essa parte. Eu acho que não, no caso da capoeira foi a gente que convidou, mas eu acho que pela metodologia que a escola segue ela se preocupa sim (com a abrangência cultural).

		é.		
Planejamento da escola/ adaptações	[...] A escola me dá total liberdade para eu trabalhar algo que eu quiser envolvendo Educação Física, passando para eles que o objetivo está dentro da Educação Física não tem problema nenhum [...]. Tem porque as vezes tem turma que tem menos estudantes, igual a minha turma do ensino médio, que é a primeira aula de sexta-feira, aí junta primeiro, segundo e terceiro ano (as adaptações se dão pelo baixo número de estudantes).	[...] O planejamento quem faz sou eu, então eu trabalho normalmente por bimestre, por isso não dá, o número de aulas é reduzido... eles têm uma aula por semana, então esse ano eu trabalhei luta no começo do ano, trabalhei ginástica, esportes e estou terminando com atletismo, aproveitando a aluna que compete está comigo aqui para dar as quatro últimas aulas... então não dá pra você dar no seu ano, daí de onde eu termino eu recomeço no ano seguinte, o que eu não dei no outro ano.	São umas coisas totalmente fora... tem umas coisas que é dentro... no caso dos esportes, você aplicar os esportes, jogos e brincadeiras eu acho dentro, só lutas que eu não trabalho mesmo, trabalho com aula teórica também passando regras, mais história do esporte, aula de vídeo, essas coisas a gente procura fazer, dar uma aula diferenciada... eles não gostam, eles gostam de ir pra prática mesmo e é difícil você mudar isso, tem que ir devagarzinho e é muito complicado, porque olha, eles tem todas as outras disciplinas que eles ficam ali na sala copiando matéria ou vendo um vídeo, aí vem a aula de Educação Física que é a única que você pode se livrar daquilo e a	Não. Eles têm uma mania de querer escolher o preferido, é uma escolha ou outra que eles não ficam satisfeitos, mas eles fazem, é tudo muito combinado...

			professora quer ficar passando matéria, passando vídeo, é difícil, eles querem liberdade.	
Privação dos conteúdos/ discriminação.	Não, o bom daqui é que os estudantes eles sempre dão sugestões também, então as vezes eu faço alguma coisa por pedido dos próprios estudantes.	Assim, eu trabalhava, eu dava rolamento [...], aí chegou um dia a menina pulou em casa, torceu o pescoço e falou que fui eu que dei... aí vierem me acusando e o que me salvou foi a câmara na quadra, porque me acusaram de uma coisa que eu não fiz (A professora trabalha mais com rolamentos devido ao incidente.	Não, nenhuma escola em que eu trabalhei nunca me privou assim não, que eu me lembre não[...]. Não, jamais... às vezes tem uns meninos que não gostam muito de vôlei, eles dizem é coisa de gay (risos).	(A professora não relata sobre privação ou discriminação).

Quadro 4. Considerações finais dos professores entrevistados

Considerações Finais	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4
Principais dificuldades envolvendo a cultura e a educação física.	Eu acho que isso aí é da gente mesmo, da gente querer buscar isso e passar para os estudantes... eu venho de uma época, como falei, formado há mais de 20 anos, então, o cara formava ele ia para aquela	Sinceramente, eu acho que não é nem a questão de ser A, de ser B, de ser C, o que está pegando mais hoje em dia é a questão disciplinar, não é a questão de ser dada as coisas para	Falar a verdade para você, a maioria eu acho que é do professor mesmo. Você pode trabalhar com material alternativo, juntar com os meninos e criar o seu próprio	[...] o professor tem que atualizar junto, então eu acho que o professor que não atualiza, vai chegar uma hora ele vai ter algum problema, porque se você chega

	<p>área ali, futebol, vôlei, tinha muito disso... agora mudou muito, então a própria grade hoje mudou, então vai muito do professor querer buscar conhecimentos novos e diferentes.</p>	<p>agregar, acho que o problema é disciplinar [...], uma aula de 50 minutos, em que você passa 15 tentando acalmar a turma, aí você inicia a aula, e quando inicia já está terminando... é muito complicado, o problema hoje é disciplinar, sabe, volume muito grande de criança pra um professor, 28,30 crianças para um professor... o desgaste da gente é muito grande [...].</p>	<p>material, mas trabalhar com clientela é muito complicado..., mas nada é impossível também não, acho que força de vontade aplica muito e tem gente que tá bem paradinha.</p>	<p>numa sala de aula e o menino te questiona uma coisa, você tem total liberdade pra falar “vou olhar e te respondo”, agora se você fala que você não sabe aí pode te dar problema.</p>
<p>Atualização dos professores.</p>	<p>Um curso, uma especialização, tentar se especializar como eu, eu me especializei em Educação Física e escolar e natação, mas ainda quero fazer treinamento esportivo. Essas coisas, se atualizar com a atualidade, tem tanta coisa que está surgindo hoje, modalidade esportiva que está entrando.</p>	<p>[...] eu falo em relação a mim... eu sempre pedi, já estou com quase 30 anos de formada, eu sempre pedi e eles (responsáveis pelas escolas) falam que você tem que correr atrás (de atualizações) ... a gente tem que correr atrás sim, mas o salário da gente é pequenininho... então por que não a universidade (UFLA) não abre as portas para gente? Uma parceria para</p>	<p>Sim (Acha que os professores devem se atualizar). A gente tem pós, eu já tenho pós graduação na área de recreação, mas a prefeitura nos oferece alguns cursos de formação, porque eles trabalham com aquela editora positivo, aí de vez em quando eles mandam o pessoal de lá, professor de Educação Física... aí vem umas práticas diferentes, que nem a última</p>	<p>Eu acho (que a atualização deve partir dos professores), porque as vezes a coordenação mesmo, tem provas com resultados, ela já tem exigências que são amplas na escola...</p>

		<p>nos capacitar? Eu acho que seria o ideal. [...] A gente juntar e fazer essa troca, eu acho que ia ajudar bastante o pessoal, os professores[...] alguns tentam, pagam um curso ali outro aqui, não sobra dinheiro para isso não cara! Para você conseguir se manter atualizado o tempo inteiro o custo é muito alto. Aí começa aquele paradigma, que professor é isso, é aquilo, mas as pessoas também não têm muito estímulo, não vê muita coisa de fora que te estimule a trabalhar... eu já pedi um monte de vezes, gente vamos nos capacitar, vamos fazer uma parceria... passem o que vocês (docentes da universidade) passam para os estudantes para gente, vamos ver se a gente consegue adaptar, porque sozinha eu acho muito</p>	<p>vez a gente trabalhou com material alternativo pra gente fazer brinquedo para as crianças, eu até trabalhei um pouco lá..., mas assim, é voltado para a educação infantil, até terceiro ano, de 4 a 8 anos. Aí eles falaram que voltariam depois abrangendo as outras etapas, mas a prefeitura sempre tem curso atualizando... a prefeitura sim, o estado não, aqui é estadual e o estado não oferece nada.</p>	
--	--	--	--	--

		complicado.		
--	--	-------------	--	--

Iniciando agora a discussão, pudemos ver nos quadros referentes as suas respectivas origens, que o corpo de entrevistados pertence a distintas faixas etárias, sendo a maior diferença de 25 anos (E2 para E4) e a menor de apenas 2 anos (E1 para E3). Apesar disso, a idade dos entrevistados não reflete por exemplo no tempo que lecionam, pois E2 nascido em 1958 e formado em 1989 leciona há 9 anos, enquanto o E4 nascido em 1983 e formado em 2005 leciona há 11 anos, sendo este um dado interessante para as ponderações que faremos mais adiante.

Os entrevistados foram provenientes de diferentes cidades e até de diferentes estados (E2 passou infância e adolescência no estado de São Paulo), mas todos apontaram que durante suas infâncias brincavam maioritariamente nas ruas e ou em espaços vazios, como quintais, chácaras e terrenos baldios. Dentre algumas atividades citadas pelos mesmos estão: queimada, pique-esconde, pique-pega, rouba bandeira, bete, jogar pedrinha, soltar pipa, polícia e ladrão, bolinha de gude, pião, dentre outras. Muitas das atividades citadas pelos entrevistados têm se perpassado por diferentes gerações de jovens brasileiros, se perpetuando como atividades infantis que tem se tornado culturalmente tradicionais ao nosso país.

Apesar de nenhum deles identificar estas atividades como jogos (um de nossos componentes de estudo) e sim como brincadeiras, podemos interpretar atividades como jogar pedrinha e polícia e ladrão (e outras, talvez todas) como exemplos onde os sujeitos que ali se encontram estão jogando, devido as

manifestações sociais guiadas pela luta e/ou representação de alguma coisa ali presentes (DAOLIO, 2004).

Já no que se refere as danças, apenas dois dos entrevistados elucidaram ter atividades voltadas as danças na infância. O fator que chama atenção, no entanto, é que ambos evidenciam que as manifestações aconteciam sempre em datas comemorativas como mostra o E1:

Entrevista E1: “Danças eram as típicas, nessa época de festa junina, festa julina, tinha as quadrilhas [...], fora isso não tinha... era igualzinho é hoje em dia sabe...”

A ideia é reforçada pelo E3, que diz o seguinte:

Entrevistado E3: [...] “Dança a gente fazia as dancinhas só em festa junina mesmo, apresentação no dia das mães, comemoração do dia da escola, dia da cidade [...] era isso mesmo, era próximo das datas”.

Estas falas trazem à tona um problema que se mantém até os dias atuais como veremos adiante. Vale chamar atenção, no entanto, para o espaço de tempo existente entre o período de infância/adolescência dos entrevistados 1 e 3 (1974 e 1976, respectivamente) e o período de infância/adolescência das gerações para quais os mesmos ministram suas aulas.

Nas lutas, dois dos entrevistados E2 e E4 relataram não ter contato com tais práticas durante a infância/adolescência, enquanto o E3 disse ter contato por pouco tempo com um professor que havia se mudado para sua cidade natal e que o mesmo não sabia se tinha a “formação” necessária para ministrar aulas. Já o E1 pontua que “quando tinha luta era briga mesmo”, descaracterizando totalmente o eixo temático que compõe a Educação Física. Chamamos atenção aqui, para o fato de nenhum dos entrevistados ter contato com o eixo temático lutas nas respectivas escolas, contrapondo os eixos temáticos jogos e danças,

maioritariamente presente tanto nos ambientes onde os mesmos frequentavam quanto em suas aulas de Educação Física.

É interessante observar ainda que nenhum dos entrevistados apontou nenhuma experiência traumática na infância que teve como consequência a exclusão de determinada atividade enquanto professores, mesmo com as “lutas que eram brigas”, já referidas pelo E1 e atividades agressivas como o “garrafão”, citado pelo E3.

Avançando um pouco no tempo e passando para as suas respectivas formações, apesar das diferentes épocas em que os professores se graduaram, todos eles levaram o tempo mínimo para isto, sendo outro ponto em comum o fato de que todos eles se graduaram em universidades particulares.

Quando a conversa se desenrolou voltada às atividades extracurriculares, os entrevistados 1 e 2 afirmaram não participar de quaisquer tipos de atividades, devido aos mesmos trabalharem no contra turno das aulas para auxiliar ou arcar totalmente com os custos da universidade. O E4 afirmou ter buscado “coisas que fossem de outras áreas [...] “porque quando a gente forma aparece um monte de coisa, e se você não tem vivência com aquilo ali fica complicado” [...]. Contudo, o próprio entrevistado não se recorda quais foram estas atividades. Já o E3 afirmou ter participado de algumas atividades envolvendo artes cênicas, badminton e atividades voltadas à deficientes físicos, não sendo, contudo, algo no qual o mesmo dedicou muito tempo.

Um fator interessante que já se observava nesta altura da conversa, é como os entrevistados possuem um apego aos esportes e associam demasiadamente a Educação Física a este eixo temático. Neste ponto da entrevista o E1 já havia afirmado ter entrado na universidade “pelo futebol”, o E2 ter tomado gosto após a iniciação esportiva que teve na escola (ênfatisando as atividades de handebol), enquanto o E4 afirmou ser muito experiente no vôlei

e que uma de suas influências para cursar Educação Física foi seu professor de voleibol.

Como dito anteriormente, os próprios professores não negam que suas experiências de infância/adolescência influenciam naquilo que ministram hoje dia, sendo crítica a situação ao evidenciarmos que todos eles se consideram especialistas ou adentraram na Educação Física por conta de uma determinada modalidade esportiva. De acordo com Betti (1999):

Não há mal algum nisto, desde que possa haver oportunidades para conhecimento de outras práticas, e o sujeito tenha condições de optar. Mas ocorre que até os estudantes percebem a existência de outras possibilidades, mas estas não vem sendo veiculadas na escola (BETTI, 1999, p.25).

Como veremos mais adiante ao analisarmos as falas dos professores, a maior parte deles, todavia enxerga o conteúdo esportes como prioritário na disciplina, sendo isto algo que refletirá nas aulas que ministram hoje em dia.

Ao levantarmos a questão de como eram os professores dos professores durante a graduação, vemos que a maior parte deles aponta uma dualidade, relatando que tiveram bons e maus professores (E1, E2, E3). Ao relacionarmos o ensino fornecido por estes professores com o aporte que os entrevistados receberam na universidade para se tornarem professores os mesmos são enfáticos:

Entrevistado E2: [...] “quando você chega em uma escola é completamente diferente daquilo que você aprende na teoria, é muito complicado[...] você falar que você consegue implementar aquele monte de teoria que você tem é muito complicado” [...].

O E3 reforça a ideia:

Entrevistado E3: “Nunca dá, nenhuma dá um aporte total para você sair e trabalhar, universidade nenhuma dá. A experiência profissional, do dia a dia, nenhuma universidade [...]. Não foi a faculdade que me ensinou essa parte, a faculdade me ensinou tipo assim, de lei, de regras, a parte de perícia, noção de prudência, de imprudência que você tem que saber. A prática eu aprendi no meu estágio porque eu cheguei lá na escola, e ela me colocou para apitar e fazer um campeonato com os meninos.”

Por fim, E4 aponta que diferentes realidades acarretam diferentes formas de trabalhar:

Entrevistado E4: “[...] e um negócio é que você aprende é na prática mesmo, não adianta, cada escola é de um jeito, cada turma é de um jeito, os estudantes são diferentes de uma escola para outra, e na prática você vai adaptando [...]”

Os professores levantam aqui um ponto interessantíssimo no que tange a preparação que os cursos de graduação em Educação Física têm proporcionado aos futuros discentes. Estariam as malhas curriculares das universidades condizentes com aquilo que é visto no campo de atuação? Se preocupa de fato a universidade em fornecer o aporte prático para os professores? Ou de fato a preocupação é maior no que se refere a conteúdos teóricos e a prática é colocada em segundo plano para que os futuros professores descubram os meios de lecionar quando já se encontram empregados?

Fato é que o dado aqui levantado perpassa diversas questões, sendo que o mínimo esperado que cursos ofertem é justamente prestigiar o futuro professor com uma carga de conhecimento (teórica e prática) satisfatória para que o mesmo não tenha maiores dificuldades quando começar a lecionar. Como aqui estamos tratando de professores com ampla experiência profissional seguiremos a discussão, sem esquecer, no entanto, a gravidade e importância das falas dos

entrevistados para a temática preparação de professores ofertada pelas universidades.

Dando sequência a entrevista, quando o tópico diversidade cultural foi abordado, o E1 apesar de referir que não era algo visto em sua graduação, aponta que esta falta de diversidade se dava pela homogeneidade das turmas. É fatual que a diversidade cultural encontrada nos dias atuais nos ambientes universitários é largamente superior a encontrada pelos entrevistados em seus anos de graduação, e muito disto se atrela ao simples de fato de o acesso ao ensino superior no Brasil vir em uma onda crescente as camadas mais menos favorecidas da população desde o início dos anos 2000.

Contudo, seja nos dias de hoje ou em tempos já idos, a diversidade cultural brasileira se faz presente desde a descoberta de nosso país. Com isso, a pergunta que nos fazemos é a razão desta diversidade não ser minimamente abordada mesmo em tempos em que o acesso ao ensino superior foi amplamente restrito em relação aos dias de hoje.

Moreira e Candau (2003) e Moreira (2002) apontam que isso se deve ao daltonismo cultural visto naqueles tempos e presente também nos dias de hoje, onde todos os discentes são vistos como iguais culturalmente. Para estes autores o planejamento das malhas curriculares deve abranger a pluralidade de culturas de maneira orientada, requerendo destes um multiculturalismo que não apareça apenas quando os discentes apresentam origens culturais diversas, mas sim em quaisquer situações devido a esta diversidade fazer parte do povo brasileiro como um todo.

Ainda sobre esta diversidade, podemos ver uma exposição bem parca desta quando os entrevistados rememoram sobre as disciplinas que envolviam jogos, lutas e danças na universidade.

Entrevista E2: “Para falar a verdade eu não tive professor de luta não, eu tive ginástica rítmica e geral [...]. Sim, tive

recreação (jogos) [...]. Teve aula de capoeira, tinha uma professora que deu aula da dança do ventre para nós” [...].

O E3 por sua vez rememora haver tido um pouco de mais de disciplinas voltadas a estes conteúdos:

Entrevista E3: “Eu tive capoeira, tive taekwondo, judô... de lutas acho que foi isso[...], dança eu tive a disciplina danças, eu tive que fazer uma apresentação de artes cênicas que também envolvia muita dança, e tinha uma outra também que era na parte de ginástica, para você ministrar ginástica coletiva, então ali englobava dança também para você dar a sua aula, e outra coisa que envolvia música era a hidrogenástica, a disciplina de hidrogenástica que eu tive, sem contar os esportes aquáticos” [...].

O fator mais interessante, no entanto, envolve os depoimentos dos entrevistados 1 e 4. Tendo ambos entrevistados estudado na mesma universidade (saliento aqui que em períodos de tempo diferentes), os seus depoimentos divergem entre si, uma vez que o E1 afirma ter tido apenas judô como atividade envolvendo os três elementos, enquanto o E4 afirma ter tido aporte em todos os três eixos temáticos. Isso mostra que possivelmente a universidade em questão sofreu uma reformulação em sua malha, uma vez que passou a abranger mais conteúdos voltados a Educação Física escolar com o passar dos anos.

O depoimento dos professores traz à tona mais uma vez a ausência do multiculturalismo durante a formação, sendo o mesmo exposto em raras situações como aulas que apresentavam em seus conteúdos a capoeira e o folclore, deixando clara a tendência monocultural seguida pelas diferentes universidades. Sacristán (1995) aponta que raras são as vezes em que a educação adota uma visão onde os sujeitos de diferentes classes possuem a mesma importância cultural. De acordo com Moreira e Candau (2003) a quebra desta tendência pode ocorrer ao:

[...] desafiar a pretensa estabilidade e o caráter aistórico do conhecimento produzido no mundo ocidental, segundo a ótica do dominante, e confrontar diferentes perspectivas, diferentes pontos de vista, diferentes obras literárias, diferentes interpretações dos eventos históricos, de modo a favorecer ao(à) estudante(a) entender como o conhecimento tem sido escrito de uma dada forma e como pode ser reescrito de outra forma (MOREIRA; CANDAU, 2003, p. 162).

Como já supracitado anteriormente, devido aos próprios entrevistados admitirem a influência de experiências passadas nas suas práticas atuais, serve de alento o fato de que os mesmos tiveram o mínimo contato com alguns conteúdos abarcados nos elementos jogos, lutas e danças durante a graduação, o que em teoria valida a premissa de que estes estão sendo trabalhados por eles em suas respectivas escolas.

Chegando agora as experiências profissionais dos entrevistados, os mesmos chegaram a referir diferenças de “clientela” no que tange a ministração das aulas, não compactuando, no entanto, com a ideia de que diferentes conteúdos devem ser ministrados para diferentes turmas de acordo com o turno. Ao serem abordados sobre como ministram as lutas nas aulas de Educação Física (um conteúdo que por mais que os entrevistados não tenham tido contato durante a infância, todos tiveram durante a graduação) as respostas são desanimadoras:

Entrevistado E1: “Não, muito pouco [...] no ano passado eu estava com o (nome preservado), ele veio para cá fazer estágio e ficou o ano inteiro aqui comigo, as vezes ele trazia as coisas de dança, movimentos do boxe, ele passou o ano inteiro comigo fazendo essa parte de estágio”.

Entrevistado E3: “Basicamente não trabalho [...], e o interesse é bem menor, não é uma coisa tradicional para os meninos, eles são loucos por futsal... os meus estudantes de zona rural, da outra escola, eles fazem capoeira, eles têm

professor (externo que ministra aulas de capoeira) ... Eu acho que para você dar aula de luta, você tem que ter um conhecimento mais vasto, acho que a faculdade, mesmo tendo disciplina, não é uma boa formação, o suficiente ali para te capacitar [...], eu não tenho técnica e prefiro não fazer, do que fazer e levar um estudante meu a lesão [...].”

Ambos os entrevistados mostraram um certo desconforto ao serem questionados sobre o modo como trabalham as lutas nas aulas de Educação Física, justamente por não trabalharem e ter plena consciência de que se trata de um conteúdo importante para a disciplina. O E1 que anteriormente havia referido a disciplina de judô como uma das que mais o empolgaram durante a graduação se coloca em grande contradição por não trabalhar o conteúdo que o próprio detinha interesse em seu tempo universitário.

Outro ponto interessante, é o fato de todos os entrevistados contarem com ajudas externas para a ministração de aulas com a temática lutas, sendo o E2 o único ministrar jogos de oposição como um conteúdo introdutório as lutas, demonstrando uma atitude de criação de contexto, uma vez que o mesmo consegue com que os estudantes interajam em suas atividades mesmo sem ser considerado um especialista (MOREIRA, 2002), como apresentado pelos demais entrevistados.

A presença de especialistas em determinadas atividades deve ser considerada uma mais valia para a Educação Física, mas a partir do momento em que diversos conteúdos só são trabalhados com a presença destes “especialistas” (entenda com sujeitos que detêm maior tempo de prática) significa que devemos passar por uma reflexão enquanto professores. O fato da não ministração das lutas nas aulas mesmo com todos os professores tendo aporte para isto pode se dar pela insegurança que os mesmos carregam consigo, fazendo com que sempre ministrem conteúdos com os quais possuem mais afinidade ou mesmo pela prévia de que a escola não possui infraestrutura suficiente para ministrar tais conteúdos (BETTI, 2006).

O panorama pouco muda quando os mesmos depõem acerca das práticas das danças em suas aulas:

Entrevistado E1: “Não, só quando vem (um especialista). Não é a área que eu especializei, me identifiquei...semana passada a gente teve ioga com uma mãe de um dos estudantes, trouxe para relaxar no início da aula, e na parte principal ela passou um jazz para os meninos”.

Entrevistado E4: “Então, no ensino fundamental a gente trabalha aquela questão das datas comemorativas[...] na festa junina a gente ensaia muita apresentação para os pais [...] essa parte de dança fica para essas datas comemorativas, não tem um dia específico que a gente fala que é dança... as meninas até funcionaria, mas os meninos iam matar”.

Aqui, novamente alguns entrevistados citam a presença de professores especialistas, no entanto, chama ainda mais atenção o fator de as danças serem maioritariamente abordadas em datas comemorativas. Canen (2001) frisa a necessidade de se promover a visualização destas práticas pertencentes a diferentes grupos étnicos, não se limitando, contudo, estas apresentações a esporadicidade a qual se vê reduzida.

Outro fator novamente posto pelo professor 3 é a dificuldade prática devido a infraestrutura, visto que segundo o próprio a escola em que leciona não conta nem mesmo com tomada na quadra para que a aula seja realizada. Sobre isso, Canen (2001) elucida que refletir sobre as diversas práticas é o que torna um conteúdo passível de inúmeras abordagens, uma vez que minimizando a falta de estrutura o professor consegue trabalhar qualquer eixo em uma ótica de não exclusão dos estudantes.

O fato das danças se restringirem apenas a datas comemorativas revela um agravante ao repasse cultural devido ao fato da apresentação esporádica ser incapaz de usufruir da riqueza histórica que está englobada neste elemento.

Rangel e colaboradores (2008) fazem referência este movimento como:

[...] “festas “extra-curriculares”, totalmente desconectadas dos conteúdos, como festa junina, dia do índio, semana da consciência negra, apresentações de danças chamadas, também na escola, de “folclóricas”. Estas mudanças não mexem com as disciplinas, nem com o currículo escolar. Neste caso a informação aos estudantes sobre a diversidade cultural torna-se esporádica” (RANGEL, 2008, p.161).

Ao adotar este método de trabalho, o professor evidencia o já citado multiculturalismo liberal, onde o conteúdo cultural é apresentado, mas não problematizado, deixando que todo o processo histórico que estas expressões perpassaram ao longo do tempo deixe de ser explorado. Isto leva os estudantes a uma situação em que a falta de contexto dada pelo professor pode influenciar em desprezo, desinteresse e descaso para os conteúdos apresentados desta maneira. Quando chegamos ao tópico jogos, todos os professores afirmaram trabalhar em suas disciplinas algo relacionado a temática, mesmo que de maneira não problematizada. Aqui se notou um claro alívio nos E1 e E3, por se tratar justamente do primeiro dos eixos abordados durante a entrevista que os mesmos trabalhavam. Quanto a esta temática tivemos uma resposta interessante da E4:

Entrevistado E4: “Sim, no fundamental, fundamental 2 e no médio eu tiro um dia para recreação, faço uma brincadeira [...] (Geralmente) a gente faz assim, a gente combina, deixa o xadrez, tênis de mesa, alguma coisa, e aí quem está de fora tem que estar participando de alguma coisa para na hora que a gente chamar (para os esportes)”.

A resposta mais uma vez leva à tona a importância dada pelo professor as práticas esportivas, enquadrando ainda, os jogos à recreação, sendo que em apenas um dia o mesmo aplica atividades voltada aos jogos nas aulas de Educação Física. Outro fator interessante é a redução do jogo ao patamar de “jogo pré-desportivo” como definido por Betti (1999), uma vez que os mesmos servem de passatempo até que ocorra a chamada dos estudantes para as práticas

esportivas. Esta diminuição do conteúdo jogo como um passatempo provisório para a atividade principal (esporte) pode refletir no julgamento do conteúdo como sem importância por parte dos estudantes. A partir do momento em que o esporte é visto como o elemento mor das aulas e todo o demais como secundário, os estudantes são induzidos a terem preferência por conteúdos esportivos, não por sua própria concepção, mas sim pelo posicionamento do professor em relação aos mesmos.

Já nos encaminhando para o fim da etapa de experiências profissionais, todos os professores afirmaram nunca ter sofrido nenhuma repreensão relacionada aos três conteúdos, bem como afirmaram ter total respaldo das coordenações e diretorias para aplicarem as atividades que bem entendessem em aula. Quanto a diversidade cultural abarcada nas aulas, o E2 demonstrou certa preocupação com o tema:

Entrevistado E2: [...] “A BNCC agora ela cobra, você dar brincadeira indígenas e de origem africana, e eu já tenho trabalhado com isso[...]. Aquela básica, de carregar toras (indígena) (risos), aí tem, sabe aquela amarelinha africana? Já trabalhei com ela também, aos poucos a gente vai introduzindo, mas não dá tempo de você fazer. [...] Problema é que aqui vai até o quinto e acaba não saindo muito das regiões, porque eles são pequenos e você vai falar de um tango... eles não têm noção do que é”.

Na fala da professora, a mesma se mostra ciente da diversidade que deve ser trabalhada nas aulas de Educação Física, e ao mesmo tempo mostra a preocupação da mesma em se atualizar para ofertar aos estudantes conteúdos diversos e que estejam no campo da disciplina. Como a própria professora frisou durante a entrevista, a mesma reconhece as consequências de seu tempo afastada da área e com isso sempre busca atualizações através de livros, internet, e colegas de trabalho. Podemos ver aqui que apesar de 9 anos lecionando, o E2 se mostra consciente que apenas a prática não garante a eficácia na atividade

docente, sendo o conjunto teoria e prática o ideal para melhor compreensão do campo de atuação.

No que se refere a criação dos currículos, novamente vemos um problema relacionado a supervalorização dos esportes, conforme relata o E1:

Entrevistado E1: “São os mais tradicionais mesmo, eu faço o cronograma e separo ali, futebol, handebol, vôlei, basquete, são mais ou menos esses que eu trabalho” [...].

Como vimos, o planejamento bimestral do professor apresenta uma enorme resistência a eixos com os quais o mesmo não tem afinidade, sendo que na melhor das perspectivas, são trabalhados 4 esportes ao ano, podendo ocorrer ainda a repetição dos mesmos no ano seguinte (BETTI, 1999).

Frisamos aqui que para que se alcance um currículo vasto e abrangente, é necessário antes de tudo ter um planejamento aberto a variedade, para que posteriormente professores ministrem e estudantes disfrutem desta pluralidade a qual falamos. Contudo, conforme aponta Sacristán (1995) o problema existe circunstancialmente na falta de abertura das instituições, na falta de variedade das práticas pedagógicas e na falta de aceitação das instituições.

Vimos, portanto, que apesar do total respaldo para os professores trabalharem os diversos campos que a Educação Física proporciona em suas aulas, os entrevistados com salva exceção do E3 pouco têm se esforçado para saírem da monomania a qual foram introduzidos na universidade e em suas experiências profissionais.

Posto isso, abordaremos por último as considerações que estes professores fazem acerca do multiculturalismo junto à Educação Física, bem como a maneira como estes enxergam que deva acontecer a atualização dos docentes para uma educação mais abrangente.

Chama muita atenção o depoimento dos E1, E3 e E4, como veremos abaixo:

Entrevistado E1: “Eu acho que isso aí é da gente mesmo, da gente querer buscar isso e passar para os estudantes... eu venho de uma época, como falei, formado há mais de 20 anos, então, o cara formava ele ia para aquela área ali, futebol, vôlei, tinha muito disso... agora mudou muito, então a própria grade hoje mudou, então vai muito do professor querer buscar conhecimentos novos e diferentes”.

Entrevistado E3: “Falar a verdade para você, a maioria eu acho que é do professor mesmo. Você pode trabalhar com material alternativo, juntar com os meninos e criar o seu próprio material, mas trabalhar com clientela é muito complicado..., mas nada é impossível também não, acho que força de vontade aplica muito e tem gente que está bem paradinha”.

Entrevistado E4: [...] “o professor tem que atualizar junto, então eu acho que o professor que não atualiza, vai chegar uma hora ele vai ter algum problema, porque se você chega numa sala de aula e o menino te questiona uma coisa, você tem total liberdade pra falar “vou olhar e te respondo”, agora se você fala que você não sabe aí pode te dar problema”.

Como pudemos analisar nos quadros e na discussão, a fala dos entrevistados listados é totalmente contraditória a prática que os mesmos executam. Apesar de estes professores terem noção da importância do multiculturalismo voltado a Educação Física, os próprios não aplicam práticas voltadas ao tema e assim mesmo acreditam que o professor seja o principal responsável pela ausência do multiculturalismo na disciplina. A ideia perpassa uma sensação de comodismo, que talvez tenha sido elucidada com a pesquisa e acarrete mudanças por parte dos entrevistados, não sendo, contudo, uma afirmação exata.

Os referidos professores circunstancialmente demonstram conhecimento prévio sobre a temática, porém, por razões as quais somente podemos supor, não se adaptam suas realidades ao tema. Por outro lado, o E2 cita que os principais problemas não se refletem nos professores, mas sim no mal comportamento dos estudantes, o que dificulta a aderência de novas práticas devido ao cansativo trabalho disciplinar exigido.

É do E2 também a resposta mais interessante em relação à atualização dos professores. Enquanto os demais entrevistados apontam que as atualizações devem ocorrer frequentemente seja esta de responsabilidade das escolas (E1 e E3) ou dos próprios professores (E4), o E2 depõe o seguinte:

Entrevistado E2: [...] “eu falo em relação a mim... eu sempre pedi, já estou com quase 30 anos de formada, eu sempre pedi e eles (responsáveis pelas escolas) falam que você tem que correr atrás (de atualizações) ... a gente tem que correr atrás sim, mas o salário da gente é pequenininho... então por que não a universidade (UFLA) não abre as portas para gente? Uma parceria para nos capacitar? Eu acho que seria o ideal. [...] alguns tentam, pagam um curso ali outro aqui, não sobra dinheiro para isso não cara! Para você conseguir se manter atualizado o tempo inteiro o custo é muito alto. Aí começa aquele paradigma, que professor é isso, é aquilo, mas as pessoas também não têm muito estímulo, não vê muita coisa de fora que te estimule a trabalhar... eu já pedi um monte de vezes, gente vamos nos capacitar, vamos fazer uma parceria... passem o que vocês (docentes da universidade) passam para os estudantes para gente, vamos ver se a gente consegue adaptar, porque sozinha eu acho muito complicado.”

A professora E2 encerra sua entrevista de maneira enfática, em um debate que diversas vezes tem ganhado corpo na universidade. Levantando a questão dos benefícios que a universidade traz a escola e os benefícios que a escola traz a universidade, vemos com clareza que a escola pouco precisa da universidade e a universidade muito utiliza da escola.

A escola acolhe os estudantes em seus estágios, ofertando a estes a experiência do professorado, que segundo os próprios entrevistados é essencial para a transição entre discente/docente, além de ser alvo e palco de incontáveis pesquisas nas mais diversas áreas de conhecimento. Em contrapartida, a universidade se vê como um ambiente cada vez mais longínquo a escola, ofertando, ao máximo, a ajuda que estes estagiários proporcionam aos professores, sendo que por muitas vezes, sequer veem seus trabalhos devidamente valorizados e reconhecidos.

Apesar de se tratar apenas de uma sugestão, o E2 entende que o casamento entre escola e universidade poderia se tornar mais produtivo, uma vez que estes professores ofertam aos estagiários a oportunidade de aprender com a prática, vivenciando tudo aquilo que está presente no cotidiano do professor; e os estagiários em contrapartida, ofertariam a esses professores a atualização de conhecimento, por se encontrarem inseridos em um ambiente mutável e que sempre se renova como a universidade. Esta aproximação entre escola e universidade poderia gerar uma relação de troca de conhecimentos mútua, favorecendo de forma igual os dois ambientes que são vitais para a formação e maturação dos futuros e dos já atuantes professores, que banhados em fontes de conhecimento contínuas se aproximaria do propósito de tornar a Educação Física mais ampla.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando analisamos o tema multicultural empregado às aulas de Educação Física variadas são as maneiras que imaginamos esta temática empregada aos diversos campos de atuação que a disciplina proporciona. Esta variedade de eixos muito se atrela a componentes que se confundem a existência do ser humano, ofertando aos professores da disciplina uma amplitude de abordagens e temas a serem ministrados em aula.

Dentro desta variedade de conteúdos a qual citamos, se encontram os jogos, as lutas e as danças, estando estes eixos englobados dentro de alguns dos diversos consolidados no campo de atuação da Educação Física. Apesar de alguns autores reportarem sobre a temática multicultural avaliando currículo, práticas pedagógicas, e até mesmo a formação continuada de professores e escolas, a pergunta que devemos nos fazer antecede e muito esta discussão: Estariam os professores de Educação Física ministrando, ou melhor, ao menos tentando ministrar estes diversos eixos temáticos que compõem a disciplina?

Ao analisarmos os resultados colhidos nesta pesquisa evidenciamos que não. O método de história oral permite ao pesquisador transcorrer as memórias dos sujeitos que entrevista, sendo que a colheita dos dados por ele realizada revelam inúmeras passagens que acarretam o produto final que encontramos em vigência. Destacando antes que, apesar da interpretação dos tópicos mais relevantes sempre se darem de acordo com o olhar do pesquisador, o presente trabalho evidenciou inúmeras questões que enganosamente se pensava estarem resolvidas.

Explanamos que os obstáculos para uma Educação Física multicultural vão muito além do desejo que o professorado possa ter em aplicá-la. Com problemas que transcorrem desde a infância dos professores, até a chamada formação continuada já em sua atividade docente, numerosas são as razões que

preponderam para que a multiculturalidade exista de maneira irrisória na Educação Física.

Problemas como a falta de exposição a diferentes culturas na infância, formação pouco abrangente na graduação, a falta de abertura dos professores atuantes a novos conteúdos e as dificuldades destes professores em se atualizarem são apenas alguns dos numerosos empecilhos aqui encontrados passíveis de problematização.

O resultado colhido nos deixa claro que antes de alcançar a referida pluralidade de culturas, a disciplina primeiro deve compreender melhor seus próprios conteúdos, reavaliando como estes devem ser trabalhados na formação docente e no ambiente escolar. Mais do que isso, o multiculturalismo necessita de uma estruturação prévia da disciplina para que possa ser aplicado. Somente assim, após o esclarecimento sobre a pluralidade de conteúdos abarcados pela disciplina é que poderemos partir então, para a problematização e emprego destes conteúdos, abarcando a pluralidade de culturas que por hora se encontra pouco representada nas aulas da disciplina.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Edgar. Metodologia de pesquisa social e diagnóstico participativo: Métodos de Pesquisa. **Ufla/faepe**, Lavras, p.141-178, 1998

ALVES, V. de F. N. **Uma leitura antropológica sobre a educação física e o lazer**. In: WERNECK, C. L. G.; ISAYAMA, H. F. *Lazer, recreação e educação física*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 83-114

ANDREOLI, Giuliano Souza. Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural. **Conjectura**, Caxias do Sul, p.107-118, 2010.

BELO HORIZONTE (MINAS GERAIS). Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Educação Física – **Currículo Básico Comum do Ensino Fundamental**. Belo Horizonte, MG, 2014. 65 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. 600 p.

CANEN, Ana. Universos culturais e representações docentes: subsídios para a formação de professores para a diversidade cultural. **Educação e Sociedade**, [s.i], p.207-227, 2001.

CANEN, Ana; OLIVEIRA, Angela M. A. de. Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, p.61-74, 2002.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura.** -: Autores Associados, 2004. 45 p.

FERREIRA, Heraldo Simões. As Lutas na Educação Física Escolar. **Revista de Educação Física**, Fortaleza, p.36-44, 2006.

GARIBA, Chames Maria Stalliviere; FRANZONI, Ana. Dança escolar: Uma possibilidade na Educação Física. **Movimento**, Rio Grande do Sul, p.155-171, 2007

HUIZINGA, Johan. Natureza e Significado do Jogo como Fenômeno Cultural. In: HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. p. 5-23.

LOPES, Raphael Gregory Bazílio; KERR, Tiemi Okimura. O ensino das lutas na Educação Física escolar: uma experiência no ensino fundamental. **Motrivivência**, [s.l.], v. 27, n. 45, p.262-279, 14 set. 2015. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. CURRÍCULO, DIFERENÇA CULTURAL E DIÁLOGO. **Educação e Sociedade**, [s.i], p.15-38, 2002.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, p.156-168, 2003.

RANGEL, Irene Conceição Andrade et al. Educação Física Escolar e multiculturalismo: possibilidades pedagógicas. **Motriz**, Rio Claro, p.156-167, 2008.

SILVA, Bruno Adriano Rodrigues da; CARNEIRO, Kleber Tuxen. **Por Entre Histórias e Memórias: percursos e percalços do curso de licenciatura em Educação Física da UFLA**. Lavras: Editora Ufla, 2018. 101 p.

BETTI, Irene Conceição Rangel. Esporte na escola: Mas é só isso, professor? **Motriz**, [s.i], p.25-31, 1999.

SACRISTÁN, Jorge Gimeno. Currículo e Diversidade Cultural. In: MOREIRA, Antonio Flávio et al. **Territórios contestados: O currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 82-113.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A.. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. **Epu**, São Paulo, p.25-44, 1986.

RANGEL, Irene Conceição Andrade. Racismo, preconceito e exclusão: um olhar a partir da Educação Física escolar. **Motriz**, Rio Claro, p.73-76, 2006

NEVES, José Luis. Pesquisa Qualitativa - Características, Usos e Possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, p.1-5, 1996.

ANEXO A

**Ministério da Educação
Universidade Federal de Lavras
Departamento de Educação Física
Departamento de Educação**

**Pesquisa: Jogos, Lutas e Danças nas Aulas de Educação Física: Realidades
e Perspectivas Multiculturais nas Escolas do Sul de Minas Gerais.**

Histórias de Vidas/História Oral

Depoimentos na Íntegra

**1. Professor Ensino Fundamental Escola Privada no Sul de Minas
Gerais.**

Nasci em 16 de maio de 1974, [...]sim, sou daqui de Lavras. [Naturalidade].

Eu nasci na zona norte da cidade.

Vila São Francisco, Jardim Glória, uma parte no Jardim Glória chamada Vila São Francisco, só que eu saí de lá com 8 meses e vim para cá, na zona sul.

Aqui no meu é centro, onde eu morava com meus pais até eu me casar, aí eu me casei e me mudei para o Cruzeiro do Sul, que é um bairro aqui na mesma região.

Há 4 anos atrás, eu vendi meu apartamento aqui e fui, me mudei lá para o Morada do Sol, que já é um outro bairro lá na saída da cidade, lá perto do Vila Velha.

A minha infância foi aqui, aqui no centro, próximo ao Jardim Floresta, aí eu passei minha infância bem aqui, trinta e poucos anos aqui.

Com os amigos de infância mesmo, primos que a gente foi crescendo junto da escola (onde leciona hoje).

Então, aqui pertenceu aos bisavôs de um amigo meu de infância, isso que era uma chácara.

Não, isso aqui era uma chácara e não tinha nada disso aqui, isso aqui era tudo mato, tudo campo e a gente vinha para cá, a gente brincava aqui. Para baixo aqui tem uma estação férrea, e tinha um campo também nessa estação, um campinho de futebol, também era um ponto onde a gente brincava.

Não, não, porque nem tinha também cara, tenho 45 anos, a minha infância foi assim, uma coisa mais natural. [Brincadeiras em espaço urbano].

Dança, eram as típicas, nessa época de festa junina, festa julina, tinha as quadrilhas, não tinha muito, era bem...

Sim, fora isso não tinha, igualzinho é hoje em dia assim, sabe. Naquela época não tinha, na minha época não tinha. Jogos também, os jogos que a gente tinha era os jogos daquela época, jogar peão, jogar dama, jogar bolinha de gude[...]

A gente brincava com tudo o que a gente tinha na época.

Na escola, as vezes tinha também no bairro. [Espaços onde havia dança].

Juntava, era na época da quadrilha, tinha São Sebastião aqui, a igreja. Hoje em dia ainda faz também, mas não é como naquela época.

Não, quando tinha tido luta era briga mesmo, quando um não dava certo com o outro aí ia lá para a briga, aí era briga mesmo, ia para o “fight”, para o boxe (risos). [Lutas].

Não, isso não influenciou em nada. [Situações traumáticas].

Não, tanto que depois na faculdade eu fui descobrir o judô, eu também não via graça nenhuma, meu professor (que influenciou) de judô e handebol, o mesmo professor, dava as duas disciplinas[...], e assim, era uma coisa, que eu gosto muito de futebol cara, entrei na faculdade pelo futebol, pela natação que eu gostava muito, mas eu não via graça[...] E cara foi talvez, as matérias que eu mais me empolguei (se referindo a judô e handebol).

Quebrei o paradigma de que “nossa, futebol com a mão”. Mas cara, que nem eu falo com sinceridade, eu tive o handebol, depois acho que foi o judô, cara, eu

ficava doido para chegar nas aulas práticas, para ter aula prática do judô, com kimono, tudo certinho, para ter luta cara. [Experiências fora do futebol].

Fiz minha faculdade na Fagammon [...] uai, eu não repeti em nenhuma matéria cara, nos 4 anos de curso eu formei. [Formação].

Formei em julho de 1997.

Não, eu comecei na faculdade mesmo, eu comecei, no terceiro período[...]já estava dando estágio, já comecei a pegar umas aulinhas de natação, aí de 97 para cá tem mais de 20 anos. [Quando começou a lecionar/trabalhar].

Muito tempo[...]aí ali no terceiro, quarto período já comecei a me empolgar pela natação e comecei a me levar mais para essa área.

Não, na verdade, eu queria fazer engenharia elétrica ou veterinária. [Influência para cursar Educação Física].

Então, aí, é uma coisa que eu me identificava, elétrica e veterinária. Aí a elétrica é em São João cara, e meus pais, não tinham condições de me manter lá, aí eu falei “não vou nem tentar”, aí minha falou “não, se você quiser tentar pode tentar, mas você vai ter que ir e voltar naquele ônibus de noite, fazer curso noturno”, aí eu falei “não, curso noturno eu não quero, quero fazer o integral”.

No Gammon era só noturno, tinha as aulas práticas durante a semana e no sábado só aula prática na parte da manhã. Bom aí eu fiz, tentei veterinária, primeiro ano que abriu veterinária na UFLA, que nem era UFLA ainda, era ESAL, mas assim, eu vim de escola pública, e não tive condição de fazer um cursinho também, então eu não passei, aí falei “vou fazer Educação Física que eu não fico parado”, então comecei a fazer Educação Física e já gostava de esporte, gostava de futebol, jogava muito futebol, aí[...].

Deu certo (risos).

Não, é licenciatura.

Não, aí eu entrei na faculdade e minha mãe disse: “mas como a gente vai pagar isso, a gente não tem condição de pagar, você vai ter que começar a trabalhar”,

aí eu comecei a trabalhar, fiquei 6 meses com ela me ajudando, e eu também, aí eu trabalhei 6 meses e na minha época tinha um tal de crédito educativo, como um Fies hoje, aí eu fiz a solicitação do crédito educativo, pedi 80%, aí consegui. [Custeio].

É, aí o governo pagava 20%, quer dizer, pagava 80% e eu pagava 20% da faculdade.

Assim você fala ações que a faculdade mesmo promovia? [Atividades extracurriculares].

Não, não, só na época do estágio mesmo, porque na época minha assim, eu fazia particular, onde eu comecei já ganhar uns troquinhos, dar minhas aulas na natação, no terceiro período para frente. Mas na minha época, os dois estágios obrigatórios eram a partir do sexto período, hoje em dia acho que a grade mudou muito, acho que você pode começar a fazer desde o início da faculdade.

É, então, na minha época não, na minha época tudo que fizesse antes não valeria como estágio, lá para mim completar o curso, na parte de estágio, só valia a partir do sexto período em diante[...]sexto, sétimo e oitavo. Fiz cursos nessa época que a faculdade promoveu, mas outras questões, não.

Cara, não. Era mais padrão, tanto que não tinha como é hoje em dia essas diferenças (se refere que a turma era mais homogênea). [Abrangência cultural da malha curricular].

Às vezes o que acontecia, em determinada matéria, o professor levar para ela essas questões, mas assim, no geral não era priorizado não.

Não, na minha época de luta era só, só o judô, tinha ginástica, ginástica rítmica, só isso cara, nessa parte. [Disciplinas de lutas na universidade].

Não, não tinha... [Disciplinas sobre danças e jogos].

Na minha época não era TCC cara, na minha época era relatório[...] fugiu o nome, eu tinha que fazer uma pasta, uma pasta de estágio, eu pegava uma série de folhas na secretaria que a partir do sexto período pra eu começar a fazer meu

estágio e ali eu ia construindo, fazia estágio em escola pública, estágio em escola municipal... [TCC].

Fazia tantas horas na escola pública, depois na municipal. [Estágio].

Sim, sim, como hoje[...] [Diferença entre escola pública e escola privada].

Dá, lógico que dá[...]você fala assim, você pegar uma faixa etária de uma série em escola pública, municipal, particular, dá muita diferença.

Não, não porque a gente também nem tinha tanta experiência, aí o que eu elaborava pra mim dar, fazer minha aula na pública eu fazia na particular também e tinha o estágio supervisionado[...]não sei como é hoje, mas eu procurava algum professor, e na época eu procurei um professor que era amigo meu, foi meu professor de futebol de salão, pra eu observar a aula dele e depois eu avaliar ele, e eu fazia esse estágio todo, fazia um livro e entregava pro meu orientador do curso no final do período.

Era a última coisa, tinha que fazer bonitinho o livro, capa dura o livro tanto que o meu, na minha turma foi o melhor, foi carimbado, tudo que precisava, do carimbo dos professores, da secretaria do Gammon e ele queria que eu deixasse o meu lá na faculdade.

Aí eu falei “não, eu deixo até o final do ano, ano que vem eu venho e pego ele” (risos). Mas era assim, não tinha que fazer uma apresentação como é o TCC.

É, então, não tinha isso. Era só entregar lá “olha meu estágio, tá aqui, tal”.

Não, não, assim, acho que todo curso você vê que tem matérias que o professor é acima da média, tem uns que são um pouco abaixo, isso é normal, todo lugar tem isso. Mas no geral eu achei que foi suficiente. Tanto que os professores do Gammon na época eram todos professores que foram formados em Muzambinho, que era a referência em Educação Física na época. [Grade curricular da universidade que cursou].

É, e a maioria deles foram formados em Muzambinho, estava em um nível legal.

Escola só a parte do estágio, dessa época para contar no meu estágio, em escola, escola mesmo só aqui. Tem mais de 15 anos que eu dou aulas aqui. [Experiência em escolas].

Eu substituí um professor amigo, que formou comigo também, no Azarias Ribeiro (colégio), mas foi pouco tempo, foi menos de 2 meses, ele teve um problema, e eu substitui ele no Azarias Ribeiro na turma noturna.

Eu percebi também uma diferença, porque o pessoal da noite geralmente acha que Educação Física não tem muito valor, e era difícil para você passar as atividades, pessoal vai com roupa pesada e não tem aquela liberdade, na turma da manhã, na turma da tarde já é mais fácil, não que não seja obrigatório para turma da noite, faz parte do currículo, mas tinha muito isso, agora aqui eu trabalho nos dois turnos, da manhã e da tarde. [Diferença em ministrar aula em diferentes turnos].

Não, das duas turmas não, aqui é tudo tranquilo, eu pego do maternal e vou até o ensino médio.

Sim, na turma da manhã, tem meninos aí, que eu peguei lá no maternal, 2,3 anos, uns já saíram daqui, fizeram faculdade (risos).

Não, muito pouco. [Como trabalha lutas].

No ano passado eu estava com o xxxxxx, ele veio para cá fazer estágio e ficou o ano inteiro aqui comigo, as vezes ele trazia as coisas de dança, movimentos do boxe, ele passou o ano inteiro comigo fazendo essa parte de estágio. [Danças]

Não, só quando vem. Não é a área que eu especializei, me identifiquei[...]semana passada a gente teve ioga com uma mãe de um dos estudantes, trouxe para relaxar no início da aula, e na parte principal ela passou um jazz para os meninos.

É, mais esportiva, porque eu separo o meu ano aqui por meses, ou bimestres, aí eu trabalho 1 ou 2 meses um esporte e depois eu vou trocando. [Grade curricular].

É, eu faço o planejamento, final de ano, começo de ano, entrego para as supervisoras e elas avaliam.

Isso eu coloco lá no cronograma, eu coloco os objetivos de cada modalidade, o que eu vou trabalhar e uma coisa que eu não deixo de trabalhar com eles é as brincadeiras infantis.

Para trabalhar como se fosse uma forma de alongamento e aquecimento para eles e eles terem aquelas brincadeiras que eu vivi na minha infância[...]

Sim, sim, demais, brincar de pique-esconde, brincar de queimada, passo para eles direto.

Tem porque as vezes tem turma que tem menos estudantes, igual a minha turma do ensino médio, que é a primeira aula de sexta-feira, aí junta primeiro, segundo e terceiro ano. [Adaptações].

Vão os 3 juntos, quando vem todo mundo na aula dá[...] acho que que são 9 estudantes, são poucos, então eu faço um futebol de 3, um vôlei de 2,3, aí eu tenho que adaptar a aula de acordo com a turma.

Sim, pela necessidade da turma.

São os mais tradicionais mesmo, eu faço o cronograma e separo ali, futebol, handebol, vôlei, basquete, são mais ou menos esses que eu trabalho. [Abrangência cultural].

Não, a escola me dá total liberdade para eu trabalhar algo que eu quiser envolvendo Educação Física, passando para eles que o objetivo está dentro da Educação Física não tem problema nenhum.

Não, o bom daqui é que os estudantes eles sempre dão sugestões também, então as vezes eu faço alguma coisa por pedido dos próprios estudantes.

Não[...] frisbee eles pediram, teve um menino que pediu dança, tipo hip-hop, tentei passar, mas não é minha área, o xxxxxxx deu alguma coisa para eles ano passado[...], mas eles sempre pedem, eu também dou essa abertura para pedirem.

Eu acho que isso aí é da gente mesmo, da gente querer buscar isso e passar para os estudantes[...] eu venho de uma época, como falei, formado há mais de 20 anos, então, o cara formava ele ia para aquela área ali, futebol, vôlei, tinha muito disso[...] agora mudou muito, então a própria grade hoje mudou, então vai muito do professor querer buscar conhecimentos novos e diferentes. [Dificuldades para a Educação Física ser multicultural].

É, então, eu trabalho aqui, eu fiquei mais de 15 anos em uma escola de natação também, onde eu dava aula para iniciação até treinamento, tem 2 anos que eu parei com a natação e trabalho para a prefeitura onde eu coordeno um projeto social em parceria com o banco do Brasil e a prefeitura, e lá eu tenho 6 educadores, e 2 deles são educadores físicos e eu tenho um pessoal que vai pra lá pra dar dança, as crianças lá são crianças carentes de 6 até 15 anos.

Não, funciona lá no clube do BB (banco do Brasil), lá na saída da cidade, do banco do Brasil[...] a prefeitura entra com o recurso pessoal, o transporte e a alimentação e o banco do Brasil entra com o recurso de manutenção de atividades do programa, então eu consigo comprar material didático, pedagógico, esportivo, então aí eu trabalho com a criançada lá e levo ao máximo de atividade diferenciada pros meninos pra eles terem conhecimento[...] só que agora dentro da escola a gente tem essas limitações de trabalhar com uma quadra como essa, pequena, que eu trabalho basquete sem cesta, sem tabela.

Mas essa questão de ter a luta, uma variedade na Educação Física vai muito do professor, aqui na escola eu não faço isso por limitação, agora lá no programa como te falei, tento fazer.

Um curso, uma especialização, tentar se especializar como eu, eu me especializei em Educação Física e escolar e natação, mas ainda quero fazer treinamento esportivo. Essas coisas, se atualizar com a atualidade, tem tanta coisa que está surgindo hoje, modalidade esportiva que está entrando. [Atualização dos professores].

É, então é isso, você tem que se aprofundar nessa área [Considerações Finais].

Não, não. É isso aí. Espero ter ajudado, precisando é só falar.

ANEXO B

**Ministério da Educação
Universidade Federal de Lavras
Departamento de Educação Física
Departamento de Educação**

**Pesquisa: Jogos, Lutas e Danças nas Aulas de Educação Física: Currículo,
Realidades e Perspectivas Multiculturais nas Escolas do Sul de Minas
Gerais.**

**Histórias de Vidas/História Oral
Depoimentos na Íntegra**

**1. Professora Ensino Fundamental Escola Municipal no Sul de Minas
Gerais.**

1958 [idade].

São Paulo, capital. Urbana. [...]. Não, era uma zona mais central da cidade [Naturalidade].

Normalmente, naquela época, a gente brincava muito na rua.

Muito na rua, brincava muito com os vizinhos, na minha época tinha bastante crianças, a gente brincava normalmente na rua e na escola também a gente brincava bastante.

Não, a maioria vizinhos.

Sim, o bairro era mais um bairro igualitário, não tinha muita diferença de classe social não, era mais classe média vamos dizer assim.

Não cara a gente brincava muito, eu lembro, era de queimada, muito pique-esconde, sabe, muito pique-pega mesmo, era o que eu mais via que o pessoal gostava de brincar, e tinha as brincadeiras das meninas tradicionais, que separava muito na época, que era brincar de casinha, brincava muito de casinha.

Corda, a gente pulava muita corda, amarrava a corda no poste da rua e a gente ficava pulando.

Peteca não, mais era corda que a gente tinha acesso.

Não, não, tinha essas brincadeiras de roda, mas nunca foi meu forte, meu negócio era mais esporte mesmo, tomei gosto na escola assim por esporte.

Não, nessa época não [lutas].

Não, eu comecei a treinar, como te falei, eu tomei gosto pela Educação Física pela professora que eu tinha, pelas aulas, eu gostava muito de participar, de brincar, de correr, de fazer as atividades que ela mandava [...], então, atira dentro do cesto, aí esconde, tomei gosto por causa disso, e ela quando passou do sexto ano para frente começou a dar para gente iniciação esportiva, aí eu tomei muito gosto pelo handebol porque eu joguei handebol por anos, aí realmente tomei gosto.

Do sexto para frente sim [Esporte na escola].

Para trás que eu me lembre [...] acho que começou do quinto para frente os esportes, o handebol, porque ela era se não me engano [...]. Ela era jogadora de handebol, então ela deu a iniciação de handebol para gente, aí eu tomei gosto.

Que eu tenha vivenciado não [...]. É assim, tem coisas que você não aplica pelas condições que você tem dentro de uma escola, é humanamente impossível por exemplo, vamos citar aqui uma coisa que não dá muito para trabalhar...você fala que vai dar hóquei, enche o papo, mas com que material você dá isso? Não tem estrutura, como você dá esses (conteúdos) que estão na BNCC, que é esportes de aventura, como que você dá escalada, aonde você vai dar escalada? Por mais que você queira adaptar é muito complicado. Primeiro, as turmas são enormes, segundo que você não tem [...]. Você pode até adaptar algumas coisas, algum material, mas não tem condições as crianças hoje em dia, é muita criança pra você trabalhar com um professor só.

Comecei com 15, eu comecei era um serviço mais burocrático mesmo, de escritório aí depois eu passei no concurso em São Paulo, na prefeitura, fiquei 10 anos na prefeitura lá e depois vim para cá, casei e vim para cá.

Olha, vou te falar uma coisa, pelos meus sobrinhos, eu tenho contato com crianças mais agora do que naquela época, porque naquela época eu tive mais [contato] na minha infância, quando adulta não tive tanto, mas eu vejo pelos meus sobrinhos, culturalmente é a mesma coisa, que assim, falta limites, que falta respeito, que acham que podem fazer o que quiser. [Capital X Interior]

Não, foi opcional, porque era o que eu queria, minha mãe não podia me dar, as coisas que eu queria, então falei “vou trabalhar”, e a mesma coisa na minha faculdade, já que eles não conseguiram pagar faculdade para mim, eu consegui passar no concurso e fiz faculdade a noite.

É, eu paguei minha faculdade na época eu fui estudar a noite, eu passei na USP, eu só não passei na piscina, na hora do teste da piscina [...]. Pega uma foto da raia olímpica da USP lá para você ver, deve ser uns 30 metros de fundura, e você não pode zerar, tem que pelo menos pular nem que seja para tirar 1. Eu cheguei na borda da piscina eu travei lá na beira da piscina, aí eu zerei e fui estudar a noite, assim, numa faculdade de nível um pouquinho mais baixo na época, mas era a que tinha curso a noite. [Risos].

Mogi das Cruzes, universidade Mogiana.

Não, pelo contrário, eles não queriam que eu fizesse Educação física, eu tenho quase 30 anos de formada e já vinha preconceito dos outros professores que eu tinha, “você vai fazer Educação física? Não é possível que você vai fazer isso, larga disso”. [Família]

4 anos. [Graduação]

Licenciatura plena, na minha opinião deveria ser normal assim, não obrigar uma pessoa a ir para um campo e depois voltar e fazer outro. Faz todas as matérias que tiver que fazer, faz em um só

Não, coisa que eu fiz foram os cursos técnicos, formação em arbitragem, eu tenho mais curso em arbitragem, curso de ginástica também, curso de handebol, tenho bastante curso, só que depois como passei no concurso da prefeitura eu passei 10 anos no administrativo, não cheguei a exercer, exerci 2 meses só a Educação Física lá, aí depois eu casei. [Atividade extracurricular]

Formei em 89.

Quando eu vim para cá [que começou a atuar]. Eu trabalhei 2 meses, aí depois eu passei no concurso em São Paulo, e mudei de profissão, aí eu fiquei só no setor administrativo da prefeitura.

Noventa e poucos, não lembro, aí eu casei e vim morar aqui, aí eu fiquei um tempão aqui sem fazer nada, estava parecendo que eu estava de férias, já estava me dando agonia, aí o que aconteceu que eu conheci o [...] que tem uma academia lá no centro, ele era secretário de esportes da Selt na época, e apareceu uma vaga no Minas Olímpica e ele perguntou se eu gostaria de trabalhar na área [...], falei que gostava, estava parada e queria trabalhar... fui trabalhar e foi ali que eu comecei (na escola em que trabalha), 2006 eu entrei, aí fiz concurso depois, fiquei 6 anos na Selt, passei no concurso e estou há 9 anos já na escola.

Passaram assim [...], bastante conhecimento, só que é assim, quando você chega em uma escola é completamente diferente daquilo que você aprende na teoria, é muito complicado, porque te jogam na mão lá 30 meninos que não escutam, indisciplinados, a maioria só quer jogar bola, parece que não existem outras atividades [...], acham que Educação Física é uma bagunça, então é completamente diferente [...], você falar que você consegue implementar aquele monte de teoria que você tem é muito complicado, pelo número de estudantes [...]. Aqui agora chegou bastante material, mas antes não tinha, aí você tem uma bola para trabalhar com 28 crianças, um bambolê para 28 crianças, uma corda, é humanamente impossível, você tem que se virar em 10.

É minha parceira.

É que nem te falei, tive essa vivência porque tive que terminar minha faculdade, mas depois eu fiz alguns cursos e passei no concurso em São Paulo, então eu não tive contato na área esportiva, eu já entrei direto num programa que chamava Minas Olímpica que na época também [...], meu, devo muito, eu reconheço, o professor Fernando pegou o Minas Olímpica “bora trabalhar” na época também, e ele me ajudou muito, porque eu levava os meninos lá para fazer atletismo e ele me recebeu de portas abertas, tudo que eu tinha dúvida para trabalhar ele me explicava, eu pegava o ônibus e levava os meninos toda segunda-feira lá pra fazer atividade, isso eu não vou esquecer, nunca.

Cada um tem seus defeitos, seus problemas, mas no que ele elevou o nome dessa cidade [...].

Bom, do mesmo jeito, eu cheguei lá, professora falou “você tem que fazer estágio? A turma é tua”, desse jeito, nós estávamos em 3 e o que a gente ia fazer? Porque não deu tempo de a gente montar, a gente só foi acertar “a gente pode vir aqui fazer estágio?” A mulher já gritou que podia e saiu, aí o que nós fizemos? A gente deu a aula para eles que a gente teve de manhã, porque a gente foi na escola a tarde e como que joga a turma para gente assim? Você se sente perdido, aí depois, nos outros meses de estágio que a gente montou a aula, aí a gente conseguiu dar uma coisa mais organizada [...], mas não é assim que faz, jogar a turma, você não tem experiência, você não sabe nada, quando você chega para fazer um estágio e vê aquele tanto de criança lá, é completamente diferente, muito diferente de quando você está na universidade [...], porque como que você deixa esse tanto de criança correndo para cair e machucar? Aí depois vem o pai te amolar aqui, e é sério, é muita criança para você cuidar e eles se machucam mesmo, quebram perna, braço, bate cabeça, machucar faz parte, mas não é assim... Eu conheço o público que eu estou lidando, eu sei que se eu deixar eles totalmente à vontade eles vão machucar e vai sair encrenca, como que deixa um negócio desse, não tem lógica... então o que eu sempre bati, capacita a gente, a

UFLA não está aí? Então esse conhecimento que vocês têm e essa experiência que a gente tem, a gente podia chegar em um denominador um pouquinho melhor.

Seria um casamento melhor, porque vocês passam um pouco do que é conhecimento para a gente, que a gente passaria para eles [...], e a gente da escola proporciona essa vivência aqui.

Para falar a verdade eu não tive professor de luta não, eu tive ginástica rítmica e geral.

Sim, tive recreação.

Teve aula de capoeira, tinha uma professora que deu aula da dança do ventre para nós, teve ginástica igual tinha no Gammon, na minha faculdade tinha essas apresentações, então a gente fazia os ensaios, trabalhava com fita, com bambolê, com arco, não tinha com bola, não tinha a massa.

Sim, na aula de recreação sim.

Que eu utilizo hoje, que eu trago tem alguns jogos que eu pego, que eles tinham me passado não, porque lá era muito escravo de Jó, mais algumas brincadeiras indígenas, amarelinhas corda, era mais essas brincadeiras mesmo.

Na minha época não tinha TCC, nem na pós-graduação tem.

Eu estou fazendo [pós], agora que eu estou fazendo.

Escolar [área], porque é aqui que eu estou, com a idade que eu estou, não vou procurar outro trabalho, seu puder reduzir o meu trabalho é o que eu quero.

Ijaci [...] porque as coisas que eu faço, eu pesquiso muito na internet e eu gosto muito de conversar com vocês, de trocar ideia e converso muito com os outros professores também.

Não, eu comecei na Selt, o programa era na Selt, na secretaria de esportes.

Só que depois que passei no concurso aí eu vim para cá.

Não, assim lá na Selt é esporte, já na escola é diferente, aqui é pra todo mundo, esporte é pra quem quer, então são situações diferentes, aí eu tive que correr

atrás do conhecimento de novo pra saber o que passar, errei muito, eu não sabia lidar com os meninos, porque você pegar uma turma pra dar aula é completamente diferente, mas aí você lê e pesquisa... hoje já sei como ministro uma aula, porque pra dar aula entrei cru, aí você pensa que não podia ter feito isso, que era dessa maneira aí na outra turma você já muda diferente e agora já... Foi, com a prática [amadurecimento].

Comprei muito livro, muita internet, muita conversa com os professores de escola. [Atualização]

Não [diferença entre as turmas], a única diferença é a idade, porque a dificuldade de trabalho hoje em dia tá sendo a mesma... assim, há uns 2 anos atrás era mais fácil você trabalhar com as crianças pequenas, hoje já não tá sendo mais, porque eles não escutam, eles não ouvem, eles não param, e os da manhã é a mesma coisa, os da manhã é briga aqui, confusão ali, a gente chega e já é chute daqui, até você acalmar o pessoal, metade da aula já foi embora, pra você conseguir ministrar aula hoje em dia... assim, tá bem complicado, porque eles já vem com aquele pensamento de que a aula de Educação Física... eles e os próprios professores lá da sala 9 (professores das demais disciplinas) fazem isso, acham que a aula de Educação Física é a hora do lazer, pra desestressar, eu vi isso aqui já... como que manda pra quadra se é meu ambiente de trabalho? Então até eu conseguir controlar aqui, levei um tempinho para conseguir colocar a turma no ponto, do meu jeito, porque eu estou aqui para dar aula, então tem que respeitar meu trabalho.

Já trabalhei, sim [lutas], são jogos de oposição que eu trabalho.

Não [origem das lutas], porque a escola dá uma introdução pra eles do que é, com regras, tem que respeitar o adversário, faz cumprimentar, pra depois quando eles tiverem no grau maior, no quinto, sexto, eles entrarem lá e saber o que é uma luta de verdade, então você começa com joguinhos de oposição, aí eles vão subindo e vai sabendo chegar lá no final o que é uma luta de verdade, de vez em

quando eu trago alguém, no quarto, quinto ano pra fazer apresentações pra eles verem como é a luta de verdade.

Trago, trago muito o [...], conheço o [...], do taekwondo, já pedi para ele vir um monte de vezes fazer apresentação

É, esses joguinhos de oposição, porque não tem como você [...], eu não tenho esse conhecimento técnico de luta para dar para eles, e a escola não é lugar para eles terem esse conhecimento técnico, penso eu, se alguém se interessar a gente encaminha, vai praticar, mas é para eles terem conhecimento prévio, desenvolver [...].

Sim [danças], inclusive a [...] me ajudou muito, nesse aspecto, eu trabalho muito brincadeira cantada com as crianças.

Tem muita cantiga, de todas essas cantigas mesmo tem um monte, pirulito que bate-bate, tem umas mais novas, olha o camaleão... que você além de trabalhar com os movimentos de dança, você trabalha com os movimentos da criança mesmo, mas tem muita cantiga de roda também, principalmente em primeira, segunda etapa e aí vai assim, vai subindo até chegar nas danças, algumas danças regionais [...], eu não consigo entrar em todas, o tempo é muito curto.

Quais os tipos de dança? Tem um professor aqui que é amigo meu, a gente procura primeiro começar pelas coisas regionais, ele é professor de dança, então a gente vê o que é região sudeste para gente passar para as crianças, mas a rejeição é bem grande viu? Vou te falar.

Não, porque aqui a gente trabalhou antes esse ano, mas o costume é na época de festa junina, toda escola é assim, só trabalha dança na época de festa junina

Dia do índio..., mas a BNCC agora ela cobra, você dar brincadeira indígenas e de origem africana, e eu já tenho trabalhado com isso.

Aquela básica, de carregar toras [risos], aí tem, sabe aquela amarelinha africana, já trabalhei com ela também, aos poucos a gente vai introduzindo, mas não dá tempo de você fazer.

Problema é que aqui vai até o quinto e acaba não saindo muito das regiões, porque eles são pequenos e você vai falar de um tango [...], eles não têm noção do que é.

Eu acredito que sim, o planejamento quem faz sou eu, então eu trabalho normalmente por bimestre, por isso não dá, o número de aulas é reduzido [...], eles têm uma aula por semana, então esse ano eu trabalhei luta no começo do ano, trabalhei ginástica, esportes e estou terminando com atletismo, aproveitando a aluna que compete que tá comigo aqui para dar as quatro últimas aulas [...] então não dá pra você dar no seu ano, daí de onde eu termino eu recomeço no ano seguinte, o que eu não dei no outro ano.

Assim, eu trabalhava, eu dava rolamento normal e eles todos já sabem fazer estrela [...], isso é deles são crianças de periferia e normalmente eles sabem fazer isso tudo normal, e eu dava no quarto ano, quando tinha alguém pra me ajudar, sozinha eu nunca dei, porque você acaba de fazer, eles te imitam e corre o risco de machucar [...] aí chegou um dia a menina pulou em casa, torceu o pescoço e falou que fui eu que dei [...], aí vierem me acusando e o que me salvou foi a câmara na quadra, porque me acusaram de uma coisa que eu não fiz, aí puxaram todas as minhas aulas e viram que eu não dei, então até hoje eu não faço mais.

Não [...], foi isso com rolamento, uma coisa básica, com 4,5 ali me ajudando, aí se não fosse a câmara eu tinha sido exonerada.

Não, eu procuro fazer mais a linguagem deles porque eles entendem melhor.

Sim, para o entendimento ficar melhor, se eu ficar com muita firulinha, eles não entendem, o grau de entendimento deles é minúsculo.

Sinceramente, eu acho que não é nem a questão de ser A, de ser B, de ser C, o que está pegando mais hoje em dia é a questão disciplinar, não é a questão de ser dada as coisas para agregar, acho que o problema é disciplinar.

Sim [...], uma aula de 50 minutos, em que você passa 15 tentando acalmar a turma, aí você inicia a aula, e quando inicia já tá terminando [...], é muito

complicado, o problema hoje é disciplinar, sabe, volume muito grande de criança pra um professor, 28,30 crianças para um professor... e pelo meu espaço aqui, eu tenho que falar em uma altura que Deus me perdoe, falo altíssimo, aí quando chega no final da tarde eu estou morta e tenho que dar aula no outro dia [...], o desgaste da gente é muito grande, o problema no meu caso é disciplinar.

Assim, eu não posso falar em relação aos outros professores, eu falo em relação a mim [...] eu sempre pedi, já estou com quase 30 anos de formada, eu sempre pedi e eles falam que você tem que correr atrás [atualizações] [...], a gente tem que correr atrás sim, mas o salário da gente é pequenininho [...], então por que não a universidade não abre as portas para gente? Uma parceira para nos capacitar? Eu acho que seria o ideal.

Sim, por que não? A gente juntar e fazer essa troca, eu acho que ia ajudar bastante o pessoal, os professores [...], mas eu acho muito complicado também, alguns tentam, pagam um curso ali outro aqui, não sobra dinheiro para isso não cara, para você conseguir se manter atualizado o tempo inteiro o custo é muito alto.

Aí começa aquele paradigma, que professor é isso, é aquilo, mas as pessoas também não têm muito estímulo, não vê muita coisa de fora que te estimule a trabalhar [...], eu já pedi um monte de vezes, gente vamos nos capacitar, vamos fazer uma parceria... passem o que vocês [docentes da universidade] passam para os estudantes para gente, vamos ver se a gente consegue adaptar, porque sozinha eu acho muito complicado.

Quando você sai da universidade você fala “só sei que nada sei” [risos], porque você bate, aí você vai começar a aprender realmente [...], aí se der você traz um pouquinho e coloca, aí você que vê que tudo que você aprende lá, é humanamente impossível você colocar [na escola] sozinha, trabalhar sozinha é humanamente impossível.

Eu acho assim que as pessoas também, essa cultura de professor tem que ser bonzinho, que de Educação Física tem que ficar dando sorrisinho [...], sabe, a gente tem que valorizar o trabalho da gente, sabe, não é só ficar de sorrisinho para lá, Educação Física é importante, tanto quanto as outras matérias.

Você não precisaria fazer faculdade [...], nós somos professores tanto quanto os outros e temos formação, as vezes maior que a deles, então eles têm que respeitar, nós somos importantes sim, e se nós mesmo não nós valorizarmos, então ninguém valoriza [...].

ANEXO C

**Ministério da Educação
Universidade Federal de Lavras
Departamento de Educação Física
Departamento de Educação**

**Pesquisa: Jogos, Lutas e Danças nas Aulas de Educação Física: Currículo,
Realidades e Perspectivas Multiculturais nas Escolas do Sul de Minas
Gerais.**

**Histórias de Vidas/História Oral
Depoimentos na Íntegra**

**1. Professora Ensino Fundamental Escola Estadual no Sul de Minas
Gerais.**

1976. [Idade].

Sim, eu nasci e cresci em Boa Esperança, no sul de Minas mesmo, mas passei um período em Belo Horizonte, período da minha graduação [...]. Cidade, um bairro mais central, um bairro que fica na beira da lagoa lá em Boa Esperança, mas ele é um bairro que faz divisa com o centro da cidade[...] por exemplo, a rua de cima do meu bairro já era centro. [Naturalidade].

Tem 40 e poucos mil habitantes, não chega nem a 50, é uma cidade pequena, é uma cidade movimentada, mas é pequena.

Geral[...] eram família e amigos, mas assim, tinham primos que moravam perto [...]. Eram vizinhos, primos[...] eram mais vizinhos mesmo, meu bairro tinha muita criança[...] lá na rua, no bairro então a gente juntava e fazia as brincadeiras ali mesmo, o quintal da minha casa era muito grande, então lá era um tipo um “QG”, juntava todo mundo[...] para tramar as coisas era lá, era imenso o quintal da minha casa então todo mundo queria brincar lá, porque era

muito grande e não tinha perigo da rua, do carro ficar passando[...] então a gente montava até quadrinha de vôlei, campinho pra gente jogar bola, a gente fazia tudo no quintal da minha casa. (Risos).

Tenho, tenho 4 irmãos.

Eu tenho irmão que dá diferença desde 10 anos até a diferença de 1 ano e meio. É, com uma[...]os outros já eram mais na minha fase de criança, assim dez, onze anos os outros já estavam adolescentes, já estavam iniciando namorinho, era menos[...], mas quando eu era bem pequena eu brincava muito com o meu irmão, acompanhava ele nas brincadeiras[...] por exemplo, ele ia soltar pipa eu ia junto, ele ia para o campinho eu ia junto para ver ele jogar bola[...], mas era tipo, eu tinha 5 anos e ele tinha 10, e eu ficava por aí e andando atrás dele[...] com as minhas irmãs era menos, só quando ia brincar dessas brincadeiras mais de meninas, por exemplo, brincar de casinha, essas coisas, aí a gente brincava junto mas quando era brincadeira de molecagem aí era atrás do meu irmão que eu andava.

Brinquei, soltei pipa, joguei bolinha de gude, passar anel, jogar pedrinha, essas brincadeiras tudo de criança, polícia e ladrão então[...]

Não, era muito parecido, porém a maioria era de uma condição pior, porque tinham amigos, assim, que os pais eram separados, aí a mãe ficou com os filhos[...] aí é mais difícil, e na minha casa tinha meu pai e minha mãe[...], tinham outros que tinham o poder aquisitivo um pouco melhor, mas nem era tanto assim não, a maioria era menos, era um ou outro só que era em outro patamar, só que a maioria era menos, bem menos (favorecida). [Situação socioeconômica].

Não, não, e antes também, na minha infância, lá na década de 80, eram poucos os brinquedos que eram diferentes, o que tinha mesmo que era considerado diferente era um que tinha um aquaplay, uma imagem de ação, um jogo de tabuleiro, mas a gente também tinha na minha casa, a gente também tinha os

nossos jogos, uma boneca aprimorada, um bebezinho que era moda na época[...], mas isso a gente também tinha, então era dentro dos padrões que todo mundo tinha[...] tinham alguns que não tinham nada, mas a gente gostava brincar mesmo e não tinha essas coisas, a gente gostava de brincar no quintal, fazer casinha, montar nossas coisas ali, pegar um pedaço de madeira, pedaço de tijolo e fazer nossas coisas ali, não tinha esse negócio de levar um brinquedo que nem eu fico vendo hoje, essas meninas tem as “cozinhas” completas[...] não existia isso, a gente fazia nossa cozinha, a gente fazia nossa casinha, fazia as comidinhas essas coisas, brincava de esconder[...] as brincadeiras eram muito diferentes de hoje, hoje às crianças não brincam assim mais.

É, a gente tinha uma galerinha lá que a gente juntava no mínimo 8 meninas[...] lá que a gente se juntava, de 8 a 10 meninas, no quintal da minha casa, tinha um pomar cheio de laranjeira, mexeriqueira, tinha limoeiro, amora, goiabeira, ameixa, tinha muita coisa então cada um escolhia a sua árvore e debaixo da árvore montava a sua casinha, aí brincava, cada uma tinha o seu filhinho, ia pra casinha da outra fazer visita, essas coisas assim, era bem brincadeira de criança[...] na época era isso, as brincadeiras eram essas.

Jogos tinham, a gente jogava muito[...] jogava muitos jogos tipo queimada, pique-bandeira, polícia e ladrão, garrafão, não sei se você conhece, era uma brincadeira que tinha uma entrada e uma saída, aí se você entrasse você só podia usar o pé direito, se tivesse na saída só podia usar o pé esquerdo, você desenhava uma garrafa no chão com uma entrada e uma saída[...] então era assim, se você tomasse um pisão no pé de quem era o pegador no garrafão, todo mundo tinha o direito de sair te dando tapa até você sair pro pique e dar um tapa no poste, que eram 2 postes a cima, ainda na subida do morro[...] então era assim se você fosse pego você estava perdido (risos)[...] mamãe na rua, baleia do meio[...] a gente brincava muito.

Não, ninguém nem chorava, todo mundo queria era bater e torcia para alguém ser pego para apanhar mesmo (risos) [...] e nunca vi nem briga por causa disso, no máximo alguém pegar e vingar, que aí era hora de descontar, tinha nada de briga não[...] nos jogos era mais isso. [Situações traumáticas].

Aí você falou o outro de danças[...] a gente fazia os negocinhos de dança, a gente quando era criança e estava ficando maiorzinho fazia também as dancinhas, as festinhas, fazia os negócios e dançava, ensaiava junto para fazer apresentações, a gente fazia isso também[...] agora luta a gente começou lá uma vez[...] foi morar lá perto da nossa casa uma professora, isso eu estou falando da infância, porque depois adulta já eu fiz um pouco de luta, um pouco de judô, não gostei muito por conta de uma lesão que eu tenho no ombro, tenho um problema no ombro [...], mas a gente fez um pouco de karatê, a galera inteira, ela chegou lá e foi dar aula de karatê pra gente, como que chama lá, o filme (tenta se lembrar)[...] karatê kid! Era superfamoso, aí todo mundo queria fazer, a gente fazia umas aulinhas lá, ela dava em uma garagem pequena as aulas, mas depois ela foi embora e acabou nossa aula de karatê.

Sim, ela morava em São Paulo aí mudou para Boa Esperança[...] eu nem sei se ela tinha formação pra isso, mas ela chegou lá, e era mais velha que gente (risos)[...] eu acho que ela fez umas aulas de karatê lá em São Paulo e chegou falando que dava aulas de karatê, aí nós íamos, tinha um negócio bacana lá que a gente saltava, a gente fazia as aulas em uma garagem que estava em construção em uma casa[...] era de umas das meninas que a gente brincava junto, aí a gente corria com os pés sujos, ia e batia o pé na parede o mais alto possível, era como uma competição mas eu não sei se isso era condizente com o esporte não.

Era mais (esporte)[...] era jogo, eu lembro que meus professores de Educação Física davam muito circuito, a escola que eu estudei sempre dava circuito, jogos, fazia tipo pique-bandeira[...] professor dava pique-bandeira, dava queimada, dava os joguinhos, já dava handebol para as meninas[...] e ele não dava futsal

para as meninas, só para os meninos o futsal[...] e nem falava futsal, era futebol[...] aí era futsal para os meninos e handebol para as meninas, que era tipo fazer gol com a mão, depois que eu fui saber que era handebol (risos), mas ele nunca ensinou como que[...] Foi assim, a gente teve uma iniciação esportiva ainda no handebol no fundamental por conta disso, mas a gente foi aprender realmente regra e essas coisas assim no fundamental 2, hoje é sexto ano, mas na nossa época seria quinta série. [Experiências na escola]

Sim, estudei em escola pública, estadual[...] E não, eu não sei, assim, dança a gente fazia as dancinhas só em festa junina mesmo, apresentação no dia das mães, comemoração do dia da escola, dia da cidade[...] aí que a gente fazia umas comemorações, mas fora isso era mais jogos, brincadeiras, facetas, é isso, e hoje eu trabalho muito disso com meus estudantes de ensino fundamental.

Sim, porque eu vejo pela minha experiência que o que eu tive, eu com meus colegas, a gente gostava muito daquilo, e eu aplico isso com meus estudantes e vejo que é uma das coisas que eles mais gostam, principalmente competição, quando você dá uma faceta[...] antes o professor não ensinava isso pra gente, que uma hora você vai perder, outra hora você vai ganhar, que você não tem que culpar um colega que correu mais devagar, e hoje eu explico muito isso, eu já crio meus estudantes, já venho passando pra eles assim que tem um colega que tem mais dificuldade, então o que eu procuro fazer é por um que tem um dificuldade com outro que também tem um pouco de dificuldade pra competir em uma corrida, dar uma equiparada, e os mais rápidos eu coloco eles pra competir entre si[...] naquela época eu lembro que não tinha essa preocupação, colocava o mais rápido contra o mais devagar, então o mais devagar não se estimulava em nada e ele era um pouco humilhado por causa disso, um pouco não, era totalmente humilhado na competição, os outros zoavam[...] agora, hoje não, hoje eu já procuro fazer esse diferencial. [Influência das experiências da infância nas aulas que ministra hoje].

Não, era isso mesmo, era próximo das datas. [Jogos, lutas e danças em datas comemorativas].

Não, eu fui trabalhar na minha fase adulta. [Trabalho na infância].

Eu estudei no Centro Universitário de Belo Horizonte, UniBH. [Formação].

Licenciatura e bacharelado, eu tenho as duas.

Não, assim[...] eu fiz curso de magistério, eu tenho magistério e tinha vontade de dar aulas, só que na época eu pensei em fazer faculdade de história ou geografia, só que aí falei “acho que não vou fazer nenhum desses dois não”, aí depois eu pensei mais na Educação Física.

Tem partes, mas eu gosto do que eu faço, eu gosto da minha profissão, eu me vejo com uma pessoa bem-sucedida dentro da minha profissão, dentro da minha profissão eu sou muito bem-sucedida, quando eu formei eu já trabalhava na área, continuei trabalhando e nunca parei de trabalhar, desde a época da minha graduação.

Já, eu tenho experiência[...] minha primeira experiência foi em escola privada, trabalhei 3 anos em escola privada e depois fui para a pública.

A diferença é a clientela, mas a questão de convívio de professores, a questão de hierarquia de dono de escola, eu nunca tive problema. A diferença mesmo é a clientela, porque em escola particular são pessoas que estão pagando, que possuem um certo poder aquisitivo e tem uma cobrança também, já na escola pública são pessoas de todos os jeitos, desde meninos que passam necessidade até os que não passam necessidade.

Não, criança é criança, criança quer ir para a Educação Física, ele quer se divertir, ele quer fazer atividade, ele quer aprender, e como eu trabalhei com fundamental 1 e hoje eu trabalho no fundamental 1, é a mesma coisa, são crianças, eles querem se divertir, eles querem jogar, eles querem ganhar, eles querem participar da brincadeira, é assim, tem aqueles que querem e os que não querem participar, tanto que isso aí é geral, menino que não quer participar

tanto, menino que tem um pouco mais de dificuldade, menino que já é atleta nato, que jogava tudo e aprende muito rápido, e tem outros que tem um pouco mais de dificuldade como em qualquer outra disciplina[...] tem meninos que tem extrema facilidade em história e geografia que tem facilidade em leitura, aprender através da leitura mas tem menino que não consegue fazer um cálculo, é a mesma coisa.

Eu formei em 4 anos e meio, porque eu fiz 1 ano e meio aqui, eu iniciei meus estudos em Varginha, no Unis[...] aí eu fiz 3 períodos lá e pedi transferência para Belo Horizonte que eu ia trabalhar lá, eu tinha arrumado um emprego lá, mas aí como a grade é diferente eu perdi um semestre, eu não repeti nada mas como era diferente[...] e outra coisa, no Unis é só licenciatura e lá em BH era os dois, então eu vejo que esse meio semestre que eu fiz me beneficiou porque eu sai com as duas graduações.

Muito pouco[...] eu trabalhei com uma disciplina de teatro, tipo artes cênicas[...] aí a galera ia atuando e eu ia filmando, por que eu tinha uma camerazinha na época[...] mas aí eu ia fora do meu horário de aula para fazer isso, dia de sábado geralmente tinha sempre alguma coisa de extensão[...] eu fiz também uma coisa de badminton lá, uma extensão que era sobre esportes diferenciados e a gente trabalhou lá também, dia de sábado umas atividades com físico, com portadores de necessidade, que era cego, tinha basquete na cadeira de rodas[...] lá na faculdade tinha as cadeiras, então a gente fazia um trabalho que era aquele futebol de 5, aquele adaptado. [Atividades extracurriculares na graduação].

Nossa, de todos que eu tive desde de Varginha[...] uns 2 ou 3 que eu não achava que eram bons, o resto, todos muito bons. Sinceramente, o meu de vôlei foi péssimo, acho que eu saí sabendo menos vôlei do que eu sabia, porque minha turma tinha um monte de gente que jogava vôlei, então tinha uma galera que sabia as coisas, mas tinha um monte de gente que não sabia, questão de posicionamento, nem tanto, mas por exemplo eu não aprendi, eu fui saber depois

que pra você fazer as substituições no vôlei, não é simples, tem toda uma dinâmica para você fazer, só pode trocar tal por tal e isso o professor não ensinou pra gente, eu fui saber depois, sozinha, estudando sozinha. [Professores durante a graduação].

Eram. Os professores que davam, e tinha os estudantes que eram tipo os monitores, bolsistas da faculdade, aí eles iam aplicando os projetos, e ia chamando a galera para rolar, para participar.

Não, porque eu trabalhava e não tinha muito tempo de ficar lá dedicando.

Nunca dá, nenhuma dá um aporte total para você sair e trabalhar, universidade nenhuma dá. A experiência profissional, do dia a dia, nenhuma universidade dá.

Eu agradeço muito a minha professora, eu nem tenho contato dela mais, mas ela foi minha professora orientadora de estágio numa escola que eu fiz (o estágio) que chama José Augusto dos Santos em Belo Horizonte, que me ensinou muito a dar aula de Educação Física. Não foi a faculdade que me ensinou essa parte, a faculdade me ensinou tipo assim, de lei, de regras, a parte de perícia, noção de prudência, de imprudência que você tem que saber. A prática eu aprendi no meu estágio porque eu cheguei lá na escola, e ela me colocou para apitar e fazer um campeonato com os meninos. [Aporte que a graduação oferece para a atuação].

Eu fiz, eu lembro que eu peguei o fundamental 1 e o fundamental 2, eu não fiz ensino médio, nem educação infantil, isso eu não fiz não, mas eu fiz do primeiro ao quinto e do sexto ao nono. [Estágio].

Eu tive capoeira, tive taekwondo, judô[...] de lutas acho que foi isso, e tinha se você quisesse fazer por fora tinha outra luta, eu não lembro qual era, não lembro se era jiu-jitsu mas tinha[...] eu fiz taekwondo, judô e capoeira, essas 3 eu fiz na universidade. Dança eu tive a disciplina danças, eu tive que fazer uma apresentação de artes cênicas que também envolvia muita dança, e tinha uma outra também que era na parte de ginástica, para você dar ginástica coletiva, então ali englobava dança também para você dar a sua aula, e outra coisa que

envolvia música era a hidroginástica, a disciplina de hidroginástica que eu tive, sem contar os esportes aquáticos, aí já entrava polo aquático[...] eram muitos, eu tive muito esporte na universidade, coisa que eu nem imaginava fazer e a faculdade lá tinha[...] tipo uma piscina adaptada para as pessoas fazerem, então aí a gente também teve aula para trabalhar com pessoas que necessitam, que tem necessidade especial, a universidade é muito boa, até hoje. [Jogos, lutas e danças na grade curricular da universidade].

O meu TCC foi sobre alto percepção e imagem, a gente fez um estudo comparativo entre estudantes do primeiro e oitavo período, aí o que a gente fez? Quando a menina entrava, qual que era a percepção que ela tinha da imagem dela, se ela era satisfeita com a altura dela, com o peso, com o corpo dela[...] e a gente fez uma comparação com uma do primeiro período e uma do oitavo, e a gente concluiu que quando você tá no oitavo, você é bem mais consciente das coisas, porque no primeiro você pegava menina que queria, se fosse possível, fazer uma cirurgia e aumentar de tamanho (risos) e no oitavo período, depois de ter passado toda a graduação, ela via ali que já tinha muito mais a ver com parte genética, que a altura dela seria aquela mesma e não ia ter como mudar[...] a questão de emagrecimento, a questão hormonal, alteração, já tinha todo estudo, toda uma consciência sobre peso[...] e foi publicado, não sei onde, passou um tempo e eu perdi[...] mas foi publicado nosso trabalho.

Eu nunca dei aula a noite, eu não tenho essa experiência.

Não, é a mesma coisa, só na questão da manhã, como é ensino médio os meninos tendem a fazer menos aula[...] porque eles já têm aquela idade mais avançada, não querem ficar suados (risos), quando é nono ano já começa a sentir isso, que não participam tanto, principalmente as meninas, os meninos vão até o terceiro ano fazendo (as atividades).

Basicamente não trabalho. São disciplinas que assim, poucas vezes eu dou uma aula teórica, conto um pouco da história, dos esportes[...] e o interesse é bem

menor, não é uma coisa tradicional para os meninos, eles são loucos por futsal[...]. Os meus estudantes de zona rural, da outra escola, eles fazem capoeira, eles têm professor (que ministra capoeira) [...] hoje é dia de capoeira, hoje eles têm aula de capoeira. [Ministração de aula com temática lutas].

Um professor externo vai lá e da aula para eles.

Eu acho que pra você dar aula de luta, você tem que ter um conhecimento mais vasto, acho que a faculdade, mesmo tendo disciplina, não é uma boa formação, o suficiente ali para te capacitar[...] porque tem todo um movimento, um movimento na luta é todo específico, é a mesma que eu chegar em um aparelho de musculação e não te orientar uma postura, a pessoa chega na academia vai fazer puxada lá e lesiona, eu penso muito isso em relação a luta. Já quando você vai trabalhar esporte é mais fácil, você aplica só as regras, o máximo que você vai corrigir é um chute, que é mais simples[...] no basquete você vai corrigir o arremesso, o posicionamento que ele pega na bola, no handebol a angulação do braço que eles fazem o arremesso, falar pra eles levar muito em consideração o movimento de quando eles vão jogar na queimada, que lembra o handebol[...] então são coisas que particularmente eu acho bem mais fácil do que uma luta, que eu não tenho técnica e prefiro não fazer, do que fazer e levar um estudante meu a lesão[...] aí chega um bate o pé no outro[...] e a gente não tem um tatame, não é primordial isso mas seria bacana se tivesse tudo[...] eu tenho colegas que formaram comigo que tem faixa laranja, faixa marrom[...] hoje eles estão faixa preta em jiu-jitsu e tem muito conhecimento, desde criança faziam[...] então se hoje eles chegarem e darem aula, eles podem trabalhar tranquilamente, porque faixa preta já tem um conhecimento muito vasto do esporte, eu tenho amigos que são faixas preta e não são professores de Educação Física mas dão aula ali junto e ensina, tem o conhecimento.

Dança a gente trabalha bem pouco[...] a gente tem muita dificuldade com dança, até para ligar o som, a gente não tem uma tomada na quadra, falta estrutura[...]

mas eu estou com estagiárias e elas estão dando aulas de dança para as meninas, uma vez na semana elas vem e dão aula de dança para as meninas aqui. Já na zona rural, na outra escola, eu consigo trabalhar, eu já levo o som para quadra, já faço uma aula mais “ritmadinha” com as crianças[...] agora aqui é mais complicado por falta de estrutura[...] aqui melhorou muito desse ano pra cá, mas por exemplo, aqui não tem tomada nas salas de aula, então como que você vai dar uma aula de dança sem música?

Os jogos a gente aplica[...] os jogos, brincadeiras, facetas, queimada, faz um rouba bandeira, pique-pega isso a gente faz, na zona rural eu faço muito mais do que aqui, aqui a gente tinha um problema muito grave[...] aqui na escola a gente tinha buraco no muro que entrava gente e os meninos ficavam acanhados de fazer aula na presença dessas pessoas, a gente teve problema de vir polícia, de uso de drogas dentro da quadra por essas pessoas[...] de agosto pra cá que fechou, então melhorou muito as aulas de agosto pra cá, mas ainda tá caminhando, a gente vai subindo cada dia um degrau, tá melhorando[...] em 2016 quando eu entrei aqui, eu assustava as vezes, eu chegava às vezes para dar aula na quadra, quando eu terminava de trancar o portão, que eu saía com o galãozinho de água eu levo, já que lá na quadra não tem bebedouro, eu saía com meu saco de material, eu olhava não tinha ninguém dentro da quadra[...]. Tinha fugido tudo pelo buraco[...] aí eu volta pra trás louca atrás da supervisão e ela falava pra ter calma que eles iam voltar, e quando dava 5 minutos pra acabar a aula voltava todo mundo, eles tinham ido em casa, tinham ido no mercado, na venda, eles iam namorar, fazia de tudo, só a aula que não[...] eu ficava lá sentada, esperando[...] agora não, todo mundo fica na quadra, jogam, tem aqueles que não jogam, que não fazem, mas é normal isso, é normal.

São umas coisas totalmente fora[...] tem umas coisas que é dentro[...] no caso dos esportes, você aplicar os esportes, jogos e brincadeiras eu acho dentro, só lutas que eu não trabalho mesmo, trabalho com aula teórica também passando

regras, mais história do esporte, aula de vídeo, essas coisas a gente procura fazer, dar uma aula diferenciada[...] eles não gostam, eles gostam de ir pra prática mesmo e é difícil você mudar isso, tem que ir devagarzinho e é muito complicado, porque olha, eles tem todas as outras disciplinas que eles ficam ali na sala copiando matéria ou vendo um vídeo, aí vem a aula de Educação Física que é a única que você pode se livrar daquilo e a professora quer ficar passando matéria, passando vídeo, é difícil, eles querem liberdade. [Planejamento da escola].

Não, nenhuma escola em que eu trabalhei nunca me privou assim não, que eu me lembre não.

Não, jamais[...] às vezes tem uns meninos que não gostam muito de vôlei, eles dizem é coisa de gay (risos). [Preconceitos dos estudantes].

Sim, eu trabalho com eles ping-pong, badminton que a gente tem as raquetes[...] peteca sempre tem na minha bolsa, as vezes tem uma turminha que não gosta[...] na zona rural é a mesma coisa, e trabalho sim com essas coisas diferenciadas, a gente faz também jogos de tabuleiro, como xadrez, dama. [Abrangência de diferentes culturas].

Sim, eu sempre dou origem[...] qualquer jogo que eu dou eu dou a origem, um jogo que eu estou trabalhando, um jogo que eu trabalho muito com meus meninos, não sei se você conhece chama bete, de taco[...] aqui os meninos jogam na quadra de cima, já deixo até escondido umas garrafinhas, uns bastões[...] ali na minha mochila tem uma bolinha de tênis pra eles jogarem[...] na zona rural eles jogam muito mais, é mais ainda, então eu trabalho com eles isso, as vezes eu penso que minha aula é muito ruim mas meus colegas dizem eu sou animada demais (risos).

Falar a verdade para você, a maioria eu acho que é do professor mesmo. Você pode trabalhar com material alternativo, juntar com os meninos e criar o seu próprio material, mas trabalhar com clientela é muito complicado[...], mas nada

é impossível também não, acho que força de vontade aplica muito e tem gente que está bem paradinha. [Dificuldades para a Educação Física ser multicultural].
Sim. A gente tem pós, eu já tenho pós graduação na área de recreação, mas a prefeitura nos oferece alguns cursos de formação, porque eles trabalham com aquela editora positivo, aí de vez em quando eles mandam o pessoal de lá, professor de Educação Física[...] aí vem umas práticas diferentes, que nem a última vez a gente trabalhou com material alternativo pra gente fazer brinquedo para as crianças, eu até trabalhei um pouco lá[...], mas assim, é voltado para a educação infantil, até terceiro ano, de 4 a 8 anos. Aí eles falaram que voltariam depois abrangendo as outras etapas, mas a prefeitura sempre tem curso atualizando[...] a prefeitura sim, o estado não, aqui é estadual e o estado não oferece nada. [Atualização dos professores].

Isso, eu te passei isso aí, tive essa conversa com você, mas eu englobei todo o meu trabalho, não foquei só nessa escola, foquei no meu trabalho, desde lá de os meninos de 4 anos que eu trabalhei ontem, até hoje que eu estava de manhã com o ensino médio. [Considerações Finais].

Não tenho mais nada a acrescentar [...] é isso aí, espero ter ajudado!

ANEXO D

**Ministério da Educação
Universidade Federal de Lavras
Departamento de Educação Física
Departamento de Educação**

**Pesquisa: Jogos, Lutas e Danças nas Aulas de Educação Física: Currículo,
Realidades e Perspectivas Multiculturais nas Escolas do Sul de Minas
Gerais.**

Histórias de Vidas/História Oral

Depoimentos na Íntegra

**1. Professora Ensino Fundamental Escola Privada no Sul de Minas
Gerais.**

Eu nasci em 1983. Foi aqui em Lavras mesmo [...] no centro. [Naturalidade].

Eram vizinhos, irmã, primos[...]. Na rua. [Com quem e onde brincava].

Era pique-esconde, rouba bandeira, queimada, andava de bicicleta, brincadeiras de rua mesmo, bete, essas coisas.

Não, não tive nada de aula não. Eu não lembro de ter na Educação Física nada de luta, só dança mesmo, para apresentação na escola, fazer uma aula de dança específica eu nunca fiz[...] agora se fosse uma apresentação para alguma coisa da escola aí a gente ensaiava. [Lutas e danças na infância].

O que eu fiz esporte por fora foi vôlei, fiz escolinha de vôlei, agora lutas e danças não.

Não. [Situações traumáticas].

Na Fagammon... Era licenciatura e bacharelado, os dois juntos. [Formação].

Não, eu acho que a influência foi mais esporte, porque eu treinei vôlei, competi e eu sempre vivi no meio do esporte, sempre gostei muito, aí acho que foi isso. [Influências].

Eu tinha um professor de vôlei que eu gostava muito dele, tanto que ele me ajudou muito na época da faculdade[...]talvez tenha um pouco de influência dele[...]

Foi em 2001 [Ano de formação].

Eu trabalhava o dia inteiro nas escolinhas de esportes que tinha na faculdade, eu era estagiária, mas eu dava as aulas sozinha e ganhava bolsa. [Custeio].

No Gammon, porque lá a escolinha funcionava o dia inteiro, então eu trabalhava o dia inteiro para ter esse desconto, eu tinha bolsa integral.

Sim, fiz, eu lembro que como eu tinha muita experiência no vôlei, eu tentei buscar coisas que fossem de outras áreas, para aprender outras coisas porque quando a gente forma aparece um monte de coisa, e se você não tiver vivência com aquilo ali aí fica complicado[...] porque assim, eu sempre aprendi a nunca dizer não para as coisas, então eu sempre corri atrás e aprendi, mas para te falar a verdade eu não lembro não (risos). O meu TCC mesmo foi voltado para o esporte, para as crianças no esporte, a importância de fazer esporte[...] porque as vezes, o desenvolvimento delas, a importância dela de praticar o movimento motor[...] a gente publicou muito trabalho, eu lembro que a gente fez voltado para academia[...] para área de saúde eu fiz muitos. [Atividades extracurriculares].

Assim, uns sim, outros não, dá pra você pegar muita coisa das matérias, mas eles também não tem tempo de te dar uma base total, você tem que improvisar[...] e um negócio é que você aprende é na prática mesmo, não adianta, cada escola é de um jeito, cada turma é de um jeito, os estudantes são diferentes de uma escola pra outra, e na prática você vai adaptando[...], mas eu gostei muito dos meus professores, a gente sabe que em toda faculdade, um ou outro vai deixar a

desejar aquilo que você quer aprender[...], mas na minha época os meus professores eram muito bons, eu gostei. [Professores e respaldo para dar aula]

Sim, principalmente nas áreas fisiológicas, eles eram feras mesmo. [Questões de diversidade cultural].

A gente tinha uma disciplina que trabalhava folclore, e aí a gente tinha que fazer umas apresentações, eu não lembro o nome da disciplina porque mudou muito, mas a gente teve que fazer uma feira, além das danças[...] a gente fez a parte das danças.

Eu lembro que o meu grupo na época, a gente enfeitou, fez uma dança, eu sei que a gente fez a paeja (comida típica espanhola), a gente fazia as roupas tudo igual e fazia a feira disso.

Era uma disciplina mesmo[...] acho que era porque piorou muito para vocês[...] porque a gente fez tudo, e na época que eu fiz[...] depois veio a UFLA[...] a minha turma tinha 60 estudantes, então assim era concorrido, as matérias eram direitinho, hoje eu não sei falar qual é a situação da faculdade, mas já ouvi que as salas têm poucos estudantes, na minha época era muito, a gente fez tudo, tinha todas as matérias, era bem amplo o curso. [Grade curricular].

A gente tinha apresentações de dança, de ginástica olímpica.

Sim, todas. A gente tinha judô, tinha uma que entrava o jiu-jitsu[...], mas o judô era específico, acho que era 1 e 2[...] e a parte de dança, tinha a parte folclórica, ginástica olímpica, tinha a parte da academia que era tipo, jump, steep[...] aí eu tive que fazer tudo, bastante coisa. [Disciplinas de lutas e danças na universidade].

Então[...] recreação e lazer, Educação Física 1 e 2, só que eu lembro que essa era um respaldo muito teórico, que falava das habilidades que tinham que ser desenvolvidas, eu não lembro de ter muita prática na aula de Educação Física não[...], mas ensinava a montar um plano de aula, qual era o contexto de um

plano de aula, mas a prática da aula assim mesmo eu não lembro de ter não, isso eu acho importante. [Disciplina sobre Jogos].

Formei em 4.

Não, eu não formei em 2001, desculpa, eu formei em 2005, eu comecei a faculdade em 2001 (risos)[...] então quando eu formei, eu trabalhava numa escolinha de esportes, eu continuei trabalhando, eu trabalhava dando aula de ginástica, onde eu dou até hoje e aí depois eu comecei a trabalhar em escola, substituía um, fiquei um pouco no estado, fiquei com bastante aula[...] aí aqui no colégio eu comecei a trabalhar em 2008, eu vim fazer uma substituição e estou até hoje[...], mas antes de trabalhar aqui, eu já tinha trabalhado com médio, fundamental 1 e 2[...] infantil eu nunca tinha trabalhado, eu vim trabalhar aqui, aí agora eu trabalho educação infantil até o médio. [Experiências profissionais].

Municipal eu nunca trabalhei, só estadual, estadual já trabalhei num projeto em tempo integral que as crianças ficavam lá.

Na Tiradentes.

Não, é o outro, é o do estado, se bem que o militar é do estado também, mas ele é considerado mais assim[...], mas eu já substitui lá também, já trabalhei lá uma vez.

Cada turma é de um jeito, cada segmento você tem que trabalhar de um jeito, e isso varia também de escola para escola, que as vezes a escola e os estudantes é de um jeito[...]. Você fala em questão por idade ou a mesma turma que é de manhã, é de tarde? [Diferença de turnos].

Eu acho assim, por exemplo, o que você aplica no fundamental 1, você aplica no 2, só que são jeitos diferentes, porque no fundamental 1 você vai começar a ensinar as regras, mas é uma coisa mais lúdica, agora no fundamental 2 você começa a ensinar uma coisa mais da prática mesmo, as regras certinhas, que aí quando eles chegam no ensino médio, pelos menos aqui na nossa escola, nossos estudantes, eles sabem a regra de todos os esportes, porque a gente já vem

fazendo um trabalho[...] agora quando eles são menores, tem que ser uma coisa mais lúdica porque aí você faz o jogo mais voltado pra essa parte, aí tem essa diferença, por exemplo, no ensino médio e no fundamental também, você vai fazer uma coisa que cumpre a regra mais rigorosa, no fundamental 1 você ainda vai fazendo aquela parte educativa, separa o jogo, é um segmento diferente do outro com certeza.

Muito, muito grande. E inclusive essa semana teve professor que trabalha aqui comigo, que trabalha na escola particular daqui de Lavras e vê a diferença, porque aqui no colégio eles tem[...] além do ensino ser muito bom, é voltado para os valores humanos, então nossos estudantes respeitam um ao outro[...] lógico que problemas a gente tem, tem conflito, tem as coisas que não tem como deixar de ter em lugares que tem muitas pessoas, mas eu acho que é assim, como trabalho esses valores os estudantes são bem mais tranquilos, porque as vezes você vê casos de escola do estado, tanto pública[...] problemas assim, que o pai matou a mãe, casos de estupro, então isso não é do nosso dia a dia, as famílias tem outros problemas lógico, mas são mais estruturadas, então tem essa diferença sim. [Diferença de escola pública x particular].

Sim, a gente vê diferença sim, eu não cheguei assim, teve uma época que eu cheguei a trabalhar aqui e lá no estado, mas lá eu trabalhei mais com os menores[...] as turmas eram muito cheias, mas os meninos faziam, eles gostavam[...], mas a agitação era outra, então assim, depende também de uma escola, nem é tanto só dos estudantes, do material que você tem, da estrutura de quadra que você tem[...] porque igual eu trabalhei lá, as vezes você tinha mais de uma turma descendo, então você tinha que dividir a quadra com outro professor, porque aqui a gente tem uma quadra pra gente, o outro professor fica do outro lado, e as vezes lá você tem meia quadra, porque são muitas turmas, precisam de muitos horários[...] então as vezes você não tem espaço físico nem material, mas isso depende.

Eu não cheguei a trabalhar muito tempo, mas eu acho que isso depende do professor, que se ele implantar essa coisa de eu não consigo[...] por exemplo, aqui no colégio, eu implantei as aulas do meu jeito, então assim, eu já tenho os combinados[...] se entrasse outro professor aqui ele não seguiria o meu jeito, ele poderia fazer de outra forma[...] igual por exemplo, quando eu comecei a trabalhar aqui mesmo, os meninos quase não jogavam, as meninas era mais handebol[...] os meninos não gostavam muito de vôlei, de vez em quando jogava futsal[...] agora não, eu coloquei eles do meu jeito, tanto que eles pedem outros esportes e eu dou, e eu acho que é a mesma coisa em escola pública, não é que você não consegue fazer lá, se você implantar um trabalho que mesmo que você tenha resistência no início depois que você ensinar os estudantes a ter o prazer, a fazer a aula, eu acho que é importante[...] aí como eu não fiquei muito tempo, não deu pra eu colocar do meu jeito, mas aí você vê a diferença dos estudantes, de respeito[...], mas você tem estudante lá tranquilo, você tem estudante que respeita[...] mas aí igual estou te falando, a realidade é diferente mesmo, tem escola particular que você trabalha também que não é fácil, que as vezes o estudante ele quer fazer o que ele quer, então se você não coloca o estudante do seu jeito, colocar como que funciona a sua aula[...] acho que funciona do seu jeito, que depende muito do professor também[...] só que lógico, eu conheço caso de gente que trabalhava no estado que os estudantes não queriam nada, que pulava o muro, aí claro que por mais que ele tentasse ele não ia conseguir[...] aí o professor acaba as vezes deixando pra lá, mas eu já ouvi casos de professor que não passava nada, cumpria o horário e pronto, eu acho que isso as vezes fica desvalorizando a profissão, porque tem gente que não gosta[...] agora eu não sei ser assim, deixa a bola rolar, deixa acontecer, deixar a hora passar aí e pronto. Você vai tentar fazer uma atividade com o material que você tem, e esporte, a gente sabe que assim, eles não tiveram a realidade para participar de uma escolinha, mas se você começar a incentivar você vai melhorando, isso depende

muito do incentivo também, e por exemplo aqui no colégio, eles descem tudo correndo, porque eles gostam de esporte, mas é um trabalho que a gente já vem fazendo desde pequeno com eles, fazendo eles gostar, fazendo eles participar. Então, no ensino fundamental a gente trabalha aquela questão das datas comemorativas... [Jogos, lutas e danças que trabalha].

Então, mas hoje em dia as escolas tem um conteúdo muito amplo pra cumprir, além das atividades extra, então ela trabalha sim nas datas[...] mas se você fizer um trabalho a parte, com conteúdo de apostila que você tem que cumprir[...] e tem que dar o respaldo pros pais, não pode ser uma coisa muito trabalhada não entendeu, igual por exemplo, Educação Física, os meninos adoram, aí a gente tem que tirar um dia e ensaiar o dia das mães, aí eles ficam 3 semanas ensaiando o dia das mães, quando acaba o dia das mães eles querem é fazer a atividade de Educação Física, jogos, competições, eles querem é isso[...] agora na festa junina a gente ensaia muita apresentação para os pais, só que todo ano a gente faz uma feira cultural aqui, aí a feira cultural entra nessa parte[...] igual esse ano falou dos países, aí teve África, falou da comida típica, das danças, dos costumes, então tem as feiras culturais que trabalham essa parte[...] eles tem por exemplo, na Educação Física mesmo essa parte de dança fica pra essas datas comemorativas, não tem um dia específico que a gente fala que é dança[...] as meninas até funcionaria, mas os meninos iam matar porque, igual eu estou ensaiando para a formatura da educação infantil, aí eu dou dança para os meninos e as meninas porque eles fazem uma apresentação para os pais, então eles já estão ensaiando[...] agora na educação infantil eu faço, trabalho de ritmo, de música, as vezes com instrumentos, a gente faz bastante coisa, agora com fundamental fica nessa questão das datas[...] agora o fundamental 2 e o médio, como eu trabalho com as meninas as vezes eu faço uma aula de dança com elas. Lutas a gente costumava fazer assim, a gente chama um convidado, um especialista, teve um ano que a gente fez isso no ensino médio, a gente trazia

cada mês um especialista em uma modalidade, aí os meninos puderam ver essas modalidades. [Lutas].

A gente trouxe umas seis modalidades, mais ou menos[...] aí eles falavam um pouquinho e depois davam uma aula.

Então, a gente faz assim, a gente combina, deixa o xadrez, tênis de mesa, alguma coisa, e aí quem está de fora tem que estar participando de alguma coisa para na hora que a gente chamar[...] porque como são muitos estudantes eu dividi elas agora, time 1, 2 e 3[...] aí quem tá de fora, quem tá batendo bola, a gente vai alternando pra ninguém ficar parado. [Jogos].

Sim, no fundamental, fundamental 2 e no médio eu tiro um dia para recreação, faço uma brincadeira que não sei se você lembra, jogava um numerozinho pra cima e tem que acertar, não sei se você lembra dessas brincadeiras, tem umas bem diferentes, a gente sempre faz.

Não sei, acho que tem que ter de tudo um pouco, você tem que estar sempre pronto para reciclar, para fazer coisas novas e ir atualizando junto com os meninos, e também tem que estar preparado para ir vendo o que está dando certo e o que está dando errado.

Não. Eles têm uma mania de querer escolher o preferido, é uma escolha ou outra que eles não ficam satisfeitos, mas eles fazem, é tudo muito combinado[...] por exemplo, eles tão fazendo um torneio, aí eu estou anotando e no final o time perdedor tem que trazer um chocalatinho para o time vencedor, só para dar uma estimulada, último bimestre, eles já estão cansados, muita prova, o ano inteiro estudando, aí eu faço sempre isso para estimular. [Adaptações].

A escola é bem humana, tanto que a congregação das irmãs ela está abrindo uma escola na África, para ajudar as pessoas, é o jeito piedade de educar[...] então ela (pessoa que gerencia a rede de colégios) se preocupa muito com o próximo, por isso a escola é bem humana, todo mundo que as vezes tem problema,

independente se é branco, se é negro, se é indígena, se é o que for, ela (irmã) está sempre disposta a ajudar. [Abrangência cultural].

Eu acho que não, no caso da capoeira foi a gente que convidou, mas eu acho que pela metodologia que a escola segue ela se preocupa sim. [Preocupação com a diversidade].

Aqui na escola a gente tem um apoio muito grande, a gente tem o apoio que a gente precisa, eles aumentaram a carga horária da escola e não tirou da Educação Física, porque podia muito bem tirar uma aula de Educação Física e ter colocado uma de física porque a lei permite, e ela não fez isso, a gente tem a questão dos jogos que é uma coisa que estimula muito em Educação Física, tudo que a gente quer fazer de diferente, de projeto ela apoia, então a gente tem um apoio muito grande, igual esse ano, teve a feira cultural na escola e tinha um estande de Educação Física, pra mostrar a importância da Educação Física. [Dificuldades para a Educação Física ser mais abrangente].

A gente fez um estande dos jogos, para explicar a origem dos jogos, como que eles acontecem, qual é o objetivo dos jogos, a gente fez isso, pra mostrar o tanto que eles valorizam a Educação Física.

Eu acho que eles (que coordenam a escola) tão atualizados o tempo inteiro, porque o nosso material é muito conceituado no Brasil inteiro, tem as melhores aprovações e eles já exigem do professor acompanhar[...] e como isso é uma coisa que você tem que trabalhar junto, como você vê o Enem, no Enem o menino tem que saber conteúdo, mas ele tem que tá atualizado[...] então por exemplo, o professor tem que atualizar junto, então eu acho que o professor que não atualiza, vai chegar uma hora ele vai ter algum problema, porque se você chega numa sala de aula e o menino te questiona uma coisa, você tem total liberdade pra falar “vou olhar e te respondo”, agora se você fala que você não sabe aí pode te dar problema. [Atualização dos professores].

Eu acho que é importante a gente ter uma coisa ampla para trabalhar, porque se não vai ficando uma aula cansativa e os estudantes, se você colocar um dedinho numa coisa diferente eles já falam que hoje foi diferente[...] então eu acho que professor tem que se atualizar, pensar em fazer coisas diferentes, projetos diferentes. [Considerações finais].

Eu acho, porque as vezes a coordenação mesmo, tem provas com resultados, ela já tem exigências que são amplas na escola[...] lógico que vai ter que você vai ter que acompanhar o que a escola quer, supervisora chegou e falou “olha eu quero um estande de Educação Física”, aí tive que correr atrás, fazer as coisas, fazer de uma maneira[...] igual eu peguei o bambolê, enfeitei, coloquei bolas pra ficar a cara da Educação Física[...] aí você tem que criar também, por exemplo, semana da criança, quero levar uma brincadeira diferente, fazer uma atividade diferente[...]

Isso mesmo.